



60!

**b**chico  
**o** TEMPO E O ARTISTA <<<  
**u**larque

13 JANEIRO A 13 MARÇO 2005

**SESC SP**  
**PINHEIROS**

Impresso  
Especial

710911/01-DR/SPM

Sesc

...CORREIOS...



# Chico Buarque

O TEMPO E O ARTISTA <<<

O SESC - Serviço Social do Comércio convida para a abertura do evento multimídia

## Chico Buarque - O Tempo e o Artista

A família, os parceiros, a participação política, a paixão pelo futebol...

As influências na formação e criação musical

Registros da obra musical e literária

Vídeos, CD ROM, fotos, manuscritos e correspondências

### Dia 13 de janeiro de 2005

19h30 • Abertura da mostra • Térreo e Atrium

21h • Show especial **Toquinho** • Teatro

22h30 • Leitura dramática • Térreo

Para o show do **Toquinho** é necessária a confirmação de presença até o dia 12/01, às 21h, pelos telefones 3095 9403 / 9404

Convite válido para duas pessoas

realização

**SESC SP**



MINISTÉRIO DA CULTURA  
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

**SESC Pinheiros**

Rua Paes Leme, 195 • Tel. 3095 3400

CEP 05424-150 • São Paulo

[www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br) • 0800118220

SOMMARIO

**6** *Entre o povo e o artista*  
DANILO SANTOS DE MIRANDA

**6** *Um artista maior*  
PEDRO CORRÊA DO LAGO

**6** *Bastidores*  
ZECA BUARQUE FERREIRA

**8** *São Paulo*  
CHICO BUARQUE

**10** *retrato em  
branco e preto*

**20** *O historiador escreve  
sobre seu filho Chico Buarque*  
SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA

**22** *construção*

**28** *a banda*

**31** *o futebol*

**40** *folhetim*

**44** *roda viva*

**48** *meus caros amigos*

**51** *as minhas meninas*

**60** *tantas palavras*

**68** *Um lugar ao sol*  
CHICO BUARQUE

**70** *francisco*

**76** *Não tem coisa melhor  
que gostar de música*  
MÚSICA

**78** *Discografia*



**entre o povo e o artista**

Cabe ao SESC, por vocação institucional, aceitar um dos principais desafios da cultura, o de lançar pontes entre o povo e o artista. Mesmo em épocas de banalização, a grande arte pode chegar a todos. A grande arte, aquela que alcança uma dimensão ampla e requintada, precisa não só derivar das realidades humanas – as sociais, as políticas, as existenciais –, mas fazer com que elas sejam reelaboradas com profundidade e engenho. Dois elementos evidentes e constantes na obra de Chico Buarque, e dos quais resultam a inteligência da percepção e o prazer da sensibilidade.

Chico, portanto, é um desses raros criadores, felizmente brasileiro. Pouquíssimos como ele conseguem reunir e fundir as tradições do popular e do erudito. Pouquíssimos sabem, como ele, espelhar magistralmente o cotidiano de nossa gente, suas figuras, circunstâncias e contradições. Daí ser reconhecido e respeitado em resorts e periferias.

Sob outro aspecto, dificilmente encontramos um artista que não se tenha rendido aos apelos da mídia, à exploração insaciável da imagem. Sua atitude de preservação, no entanto, revela um decoro que, hoje em dia,

**um artista maior**

O 60º aniversário de Chico Buarque oferece à Biblioteca Nacional a oportunidade de apresentar a mais completa exposição já realizada sobre a vida e a obra do grande escritor e compositor brasileiro. Poucos artistas nacionais estão tão presentes na cultura do país quanto Chico Buarque nas últimas quatro décadas e talvez nenhum suscite hoje tanto interesse em torno de sua obra.

A Biblioteca Nacional conserva em seu acervo as publicações e a produção musical de Chico Buarque – especialmente em sua Seção de Música – e recebeu, recentemente, a doação de dois importantes manuscritos autógrafos de composições do artista. Um deles, de três páginas, é de uma de suas criações mais justamente famosas: “Cálice”, escrita em parceria com o ministro Gilberto Gil, cuja contribuição também aparece no manuscrito com sua letra.

Encarregou-se, com grande competência, da curadoria da exposição, Zeca Buarque Ferreira, sobrinho de Chico, que reuniu o mais amplo material já levantado em torno do artista: fotografias, documentos, manuscritos, cartas, programas de peças, filmes, discos

**bastidores**

A obra de Chico Buarque perpassa diversas gerações, com particularidades e preferências específicas. Entre os seus contemporâneos podemos perceber uma grande cumplicidade histórica, nas lembranças de momentos difíceis do país em que a sua música desempenhou papel importante; mas os filhos dessa geração não de se lembrar em primeiro lugar das canções dos Saltimbancos. E é possível encontrar a cada novo show de Chico uma grande quantidade de jovens e adolescentes atraídos pela sua música, tendo chegado até ela de maneiras diversas.

Uma exposição sobre Chico Buarque na Biblioteca Nacional. Confesso que o convite do Pedro para organizá-la me assustou um pouco, ao mesmo tempo em que fascinava. O primeiro passo foi reunir algumas pessoas capazes de dividir comigo o desafio de conceber um formato que exprimisse, com palavras, imagens e sons, uma obra de quase quarenta anos, cujo valor não preciso aqui descrever. Pouco a pouco foi se incorporando ao projeto um grupo não apenas capaz, mas absolutamente empenhado e entusiasmado pela idéia. A partir daí começava a se desenhar a exposição que gostaríamos de ver.

As semanas que se seguiram foram de orgulho intenso em um universo que

a publicidade exarcebada consegue equivocadamente transformar em manifestação de inconveniência e anacronismo.

Por todas essas razões, e por aquilo que se convencionou chamar de gênio, o nosso compositor, poeta e romancista excede não apenas o comum da arte, mas, com muita distância, o que quer que seja bom.

Finalmente, expressamos aqui a honra e a alegria de nossa instituição por trazer a São Paulo “Chico Buarque, o Tempo e o Artista”, mostra organizada originariamente pela Fundação Biblioteca Nacional (RJ), em 2004, sob a curadoria de Zeca Buarque Ferreira.

— Danilo Santos de Miranda  
DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

e vídeos, provenientes do acervo da Biblioteca Nacional, de arquivos de amigos e da família de Chico Buarque e de diversas emissoras que prestaram graciosamente auxílio à exposição.

A Biblioteca Nacional, guardiã de parte expressiva da memória do país, percebe a necessidade de ampliar a captação de material documental contemporâneo e atender ao interesse do público brasileiro pela atividade dos expoentes culturais da segunda metade do século XX.

Nesse contexto, não poderia haver tema mais feliz para a mostra que ora se realiza em parceria da Fundação Biblioteca Nacional com o SESC, do que esta visão abrangente, na exposição “O Tempo e o Artista”, de Chico Buarque, artista maior de nosso tempo.

— Pedro Corrêa do Lago  
PRESIDENTE DA BIBLIOTECA NACIONAL

se abria e multiplicava a cada nova investida. Documentos, textos e fotografias espalhados por mesas e prateleiras, música pelo ar, personagens, reais e imaginários, nos eram apresentados e conosco começavam a dar uma cara à exposição. Inúmeros temas poderiam ser abordados, tivemos de descartar vários, ficamos com alguns que, acredito, representam aspectos importantes na vida e na obra de Chico: a formação musical, o teatro, a literatura, a família, entre outros.

“Chico Buarque: o tempo e o artista”, que agora chega a São Paulo graças ao convite do SESC - SP, não é, nem se pretende, uma exposição definitiva sobre a sua obra, que se mantém em constante movimento.

A serviço de uma imaginação inquieta, Chico já experimentou diferentes formas de expressão artística, buscando sempre o que é novo para si, sem se preocupar se isso encaixa ou não no “moderno” de cada época. A dedicação que tem dispensado mais recentemente à literatura, e os resultados obtidos, comprovam sua disposição sempre renovada para os desafios, que o fazem desmontar naturalmente os rótulos que com frequência tentam lhe impor.

— Zeca Buarque Ferreira  
CURADOR



As distantes e vagas lembranças que pude alcançar vêm da rua Haddock Lobo, o sol das seis no tabuleiro xadrez que era a varanda. E o terreno baldio atrás de casa, dando na rua Augusta, uma Augusta provinciana, onde não me lembro se passava banda, mas passava bonde. O terreno virava circo, depois virava parque, depois virava mato, depois virava futebol e hoje, é claro, virou arranha-céus. As balas de figurinha, os óculos de Dona Araci, Maria Lúcia dentuça, a inauguração do troleibus, a barba branca do Doutor Washington Luts, a subida da ladeira, rua Oscar Freire, Alameda Lorena, Tietê, Franca, Itu, Jaú, de repente uma longa viagem e tudo se misturou na cabeça sem ordem.

Dois anos depois voltei, encontrando outro bairro, outros amigos e o colégio Santa Cruz no Alto de Pinheiros. A minha invejável bicicleta níquelada me ensinava ruas longínquas. E a minha não menos invejável namorada me ensinava a nova Augusta, os cinemas, e as lanchonetes. Nessa época, o sotaque me valia o apelido de carioca. É claro que eu cultivava com

carinho tanto o sotaque quanto o apelido. As crianças e os adolescentes de então, mais do que hoje, sentiam especial atração pelo Rio de Janeiro, de férias, de praias, e de carnaval. Mas com o tempo fui adotando uma afeição paulista, paulistana, paulatina. E percebo agora que, enquanto o Rio é a cidade deslumbrante do amor à primeira vista, São Paulo é a cidade que se aprende a amar com um amor sofrido, trabalhado construído e enfim correspondido de maneira sólida e graciosa como a própria cidade.

Perto dos dezoito anos consegui me aproximar um pouco mais de São Paulo, já sem bicicleta, mas graças a meu pai, paulista convicto. Através dele, por exemplo, fui entender porque se realizara nesta cidade, quarenta anos antes, a Semana de Arte Moderna. Fui às histórias de Antonio de Alcântara Machado, conheci o Gaetaninho que “amassou o bonde”, passei a Mário de Andrade, que me apresentou ao índio Macunaúma, que por sua vez guiou-me ao gigante que morava na rua Maranhão,

o qual, finalmente, persuadiu-me a ingressar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, ali vizinha.

E São Paulo novamente se transfigurava nos meus olhos. As Universidades, a rua Maria Antonia, os sonhos políticos, as frustrações, a profissão, o tijolo, o pedreiro, o engenheiro, São Paulo vista de dentro. As longas noites paulistas e já o violão entrando em cena. E foi aqui que encontrei a fonte do meu samba urbano, cheirando a chaminé e a asfalto.

É portanto sem receio que confesso que Pedro Pedreiro espera o trem num subúrbio paulista, Juca é cidadão relapso do Brás, Carolina é senhorita de janela para a Bela Vista, e a Banda passou, por incrível que pareça, no viaduto do Chá, em clara direção ao coração de São Paulo.

# retrato em branco e preto

## pai

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

## mãe

MARIA AMÉLIA ALVIM  
BUARQUE DE HOLANDA

## irmãos

HELOÍSA (MIÚCHA)  
SÉRGIO (SERGITO)  
ÁLVARO  
FRANCISCO (CHICO)  
MÁRIA DO CARMO (PIII)  
ANA MARIA (BAÍÁ)  
CRISTINA

Se lembra da fogueira  
Se lembra dos balões  
Se lembra dos luares dos sertões  
A roupa no varal  
Feriado nacional  
E as estrelas salpicadas nas canções  
Se lembra quando toda modinha  
Falava de amor  
Pois nunca mais cantei, ó maninha  
Depois que ele chegou  
Se lembra da jaqueira  
A fruta no capim  
O sonho que você contou pra mim  
Os passos no porão  
Lembra da assombração  
E das almas com perfume de jasmim  
Se lembra do jardim, ó maninha  
Coberto de flor  
Pois hoje só dá erva daninha  
No chão que ele pisou  
Se lembra do futuro  
Que a gente combinou  
Eu era tão criança e ainda sou  
Querendo acreditar  
Que o dia vai raiar  
Só porque uma cantiga anunciou  
Mas não me deixe assim, tão sozinho  
A me torturar  
Que um dia ele vai embora, maninha  
Pra nunca mais voltar

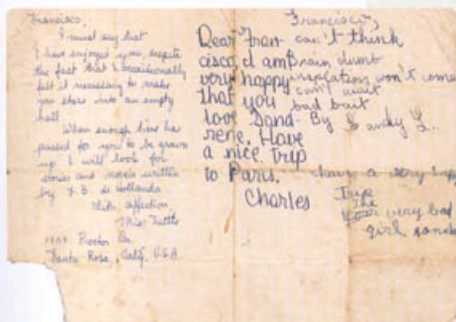
"MANINHA" - 1977

SÉRGIO COM OS FILHOS CRISTINA (NO COLO),  
SÉRGITO, ÁLVARO E CHICO (COM A BOLA), NA CASA  
DA RUA HADDOCK LOBO, EM JULHO DE 1951



CHICO NO APARTAMENTO DA AVÓ MATERNA,  
MÁRIA DO CARMO, NO LIDO, EM 1945

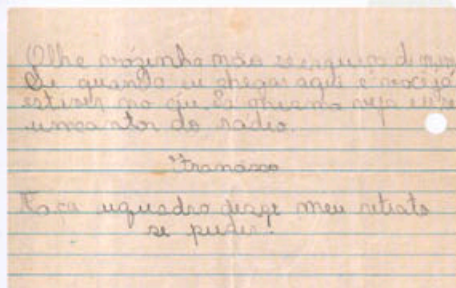
NO BILHETE, COM MENSAGENS DOS COLEGAS DE  
ESCOLA NA ITÁLIA, A PROFECIA DA PROFESSORA:  
"QUANDO O TEMPO PASSAR E VOCE ESTIVER  
CRESCIDO, PROCURAREI AS HISTÓRIAS E ROMANCES  
ESCRITOS POR F. B. DE HOLLANDA" (1954)



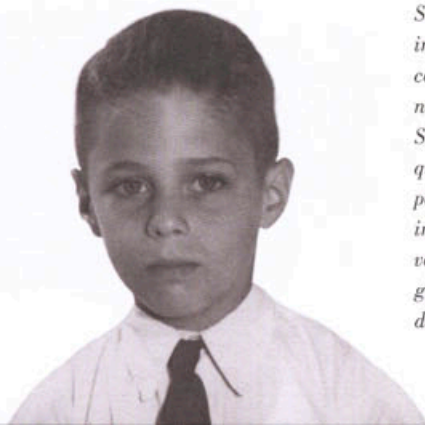
## os anos verdes

A casa da infância era repleta de sons, risos e palavras. Os livros do pai, Sérgio Buarque de Holanda, ultrapassavam a biblioteca e se esparramavam pela casa inteira. A música deslizava encabulada do piano da mãe Maria Amélia, saltava a todo volume do radinho da Babá, agitava os dias nas vozes de Miúcha, Piii, Baía e Cristina, e embalava as noites na boemia doméstica comandada muitas vezes por Vinicius de Moraes. Ainda menino, Chico organizava o coral com as irmãs, enquanto aprendia violão com Miúcha. Nas noites de sarau sentava-se na escada para ouvir os ruídos da sala, que transpirava com conversas e música madrugada adentro.

Dali, provavelmente, tirou a inspiração para as primeiras serenatas dedicadas aos amores juvenis, que pouco depois ganhavam corpo de obra musical. Chico era um garoto comum, com hábitos e comportamento típicos da sua idade e do seu bairro. Nasceu no Rio, em 19 de junho de 1944, e aos dois anos mudou-se com a família para a capital paulista. Com exceção do período de dois anos que passou na Itália, quando tinha oito anos, Chico viveu sua infância em São Paulo. Andava pelas ruas inventando travessuras, jogava futebol com os meninos, matava aula no colégio, namorava e brincava. Com os irmãos Sergito e Álvaro disputava o papel pardo que embrulhava a roupa da lavanderia para nele criar suas cidades imaginárias. A mãe Maria Amélia certa vez perguntou a cada filho o que mais gostava de fazer. Ela nunca se esqueceu da resposta de Chico: "Eu gosto de rir".



BILHETE QUE ESCREVEU PARA A AVÓ  
ANTES DE VIAJAR PARA A ITÁLIA (1952)





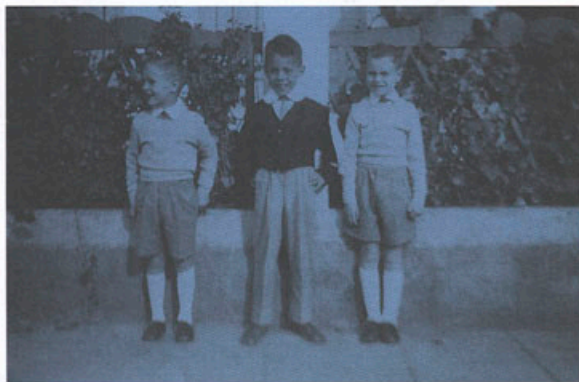
CHICO EM ROMA, NA FOTO DO IRMÃO ALVARO  
(ENTRE 1952 E 1954)

**a casa**

*A casa era uma festa, um entra-e-sai constante, tantos eram os filhos e a turma de cada um. Mas o fascínio de Chico se dava na hora em que o pai recebia os amigos. Vinicius de Moraes sempre aparecia para uma visita, e aí a festa não tinha hora para acabar. “A gente não podia atrapalhar, mas podia ir dormir mais tarde”, conta Miúcha. As crianças ficavam, então, na escada, ouvindo a fuzarca, que era tanta, que mesmo do quarto podia-se ouvir as músicas, a alegria, todo mundo falando alto, cantando muito. Por isso, para as crianças, música era a imagem do céu, era o que havia de mais divertido.*

ACIMA CHICO COM COLEGAS DO SANTA CRUZ

À DIREITA CHICO NA PRIMEIRA COMUNHÃO,  
EM SÃO PAULO, EM 1951





## entre o povo e o artista

*Cabe ao SESC, por vocação institucional, aceitar um dos principais desafios da cultura, o de lançar pontes entre o povo e o artista. Mesmo em épocas de banalização, a grande arte pode chegar a todos. A grande arte, aquela que alcança uma dimensão ampla e requintada, precisa não só derivar das realidades humanas – as sociais, as políticas, as existenciais –, mas fazer com que elas sejam reelaboradas com profundidade e engenho. Dois elementos evidentes e constantes na obra de Chico Buarque, e dos quais resultam a inteligência da percepção e o prazer da sensibilidade.*

*Chico, portanto, é um desses raros criadores, felizmente brasileiro. Pouquíssimos como ele conseguem reunir e fundir as tradições do popular e do erudito. Pouquíssimos sabem, como ele, espelhar magistralmente o cotidiano de nossa gente, suas figuras, circunstâncias e contradições. Daí ser reconhecido e respeitado em resorts e periferias.*

*Sob outro aspecto, dificilmente encontramos um artista que não se tenha rendido aos apelos da mídia, à exploração insaciável da imagem. Sua atitude de preservação, no entanto, revela um decoro que, hoje em dia,*

## um artista maior

*O 60º aniversário de Chico Buarque oferece à Biblioteca Nacional a oportunidade de apresentar a mais completa exposição já realizada sobre a vida e a obra do grande escritor e compositor brasileiro. Poucos artistas nacionais estão tão presentes na cultura do país quanto Chico Buarque nas últimas quatro décadas e talvez nenhum suscite hoje tanto interesse em torno de sua obra.*

*A Biblioteca Nacional conserva em seu acervo as publicações e a produção musical de Chico Buarque – especialmente em sua Seção de Música – e recebeu, recentemente, a doação de dois importantes manuscritos autógrafos de composições do artista. Um deles, de três páginas, é de uma de suas criações mais justamente famosas: “Cálice”, escrita em parceria com o ministro Gilberto Gil, cuja contribuição também aparece no manuscrito com sua letra.*

*Encarregou-se, com grande competência, da curadoria da exposição, Zeca Buarque Ferreira, sobrinho de Chico, que reuniu o mais amplo material já levantado em torno do artista: fotografias, documentos, manuscritos, cartas, programas de peças, filmes, discos*

## bastidores

*A obra de Chico Buarque perpassa diversas gerações, com particularidades e preferências específicas. Entre os seus contemporâneos podemos perceber uma grande cumplicidade histórica, nas lembranças de momentos difíceis do país em que a sua música desempenhou papel importante; mas os filhos dessa geração hão de se lembrar em primeiro lugar das canções dos Saltimbancos. E é possível encontrar a cada novo show de Chico uma grande quantidade de jovens e adolescentes atraídos pela sua música, tendo chegado até ela de maneiras diversas.*

*Uma exposição sobre Chico Buarque na Biblioteca Nacional. Confesso que o convite do Pedro para organizá-la me assustou um pouco, ao mesmo tempo em que fascinava. O primeiro passo foi reunir algumas pessoas capazes de dividir comigo o desafio de conceber um formato que exprimisse, com palavras, imagens e sons, uma obra de quase quarenta anos, cujo valor não preciso aqui descrever. Pouco a pouco foi se incorporando ao projeto um grupo não apenas capaz, mas absolutamente empenhado e entusiasmado pela idéia. A partir daí começava a se desenhar a exposição que gostaríamos de ver.*

*As semanas que se seguiram foram de mergulho intenso em um universo que*



À ESQUERDA NA CASA DA RUA BURI,  
A FAMÍLIA TODA: ALVARO, CHICO, SERGITO,  
SÉRGIO, PIII, MARIA AMÉLIA, MIÚCHA  
(SENTADOS); CRISTINA (COM BEBEL,  
FILHA DE MIÚCHA, NO COLO), BAIÁ,  
TIA CECÍLIA (IRMÃ DE SÉRGIO),  
EM 11 DE JULHO DE 1974

ABAIXO CHICO E BENEDITA MOTTA,  
A BABÁ, NA CASA DA RUA BURI.  
FOTO DE PIII



À DIREITA MARIA AMÉLIA E SÉRGIO,  
EM 1936, ANO EM QUE SE CASARAM

ABAIXO ESCRITÓRIO DE SÉRGIO,  
EM FOTO DE PIII, 1982

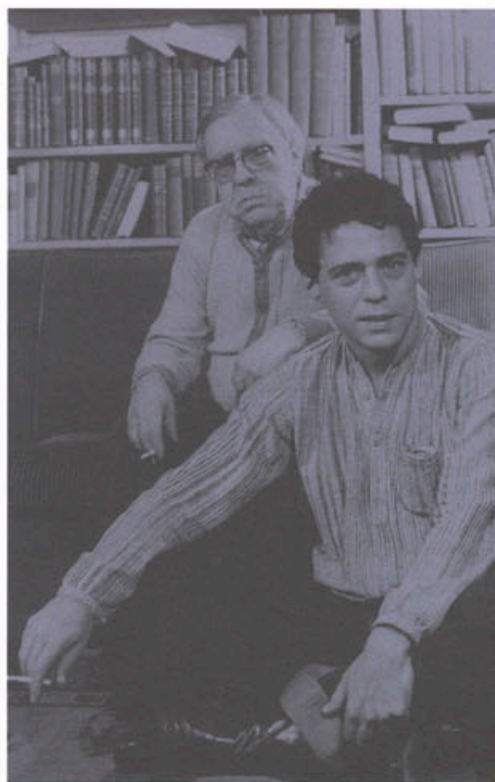


## maria amélia

Franzina e miúda, Memélia segurava as rédeas da família com firmeza e sabedoria. Cuidava para que o marido intelectual pudesse trabalhar em sossego no escritório da casa, lendo e escrevendo seus livros. Organizava a confusão da casa que girava em torno dos filhos, dos amigos dos filhos, dos amigos dela e do marido. Levava os meninos ao futebol, não por obrigação, mas porque também vibrava com os jogos. Sempre foi alegre e festeira e abria a casa para a boemia dos amigos de Sérgio, entre eles, Vinicius de Moraes, Antonio Cândido, Rubem Braga, Fernando Sabino. Achava essa turma muito divertida. Participava de tudo, mas ficava atenta aos “deslizes” exibicionistas dos filhos, que gostavam de cantar e se mostrar para as visitas. Para Miúcha, era a casa mais divertida que ela conhecia.

## sérgio

Sérgio lia sem parar. A imagem mais forte que os filhos guardam do pai é a dele sentado em seu escritório com os óculos na testa e um livro na mão. Pesquisador incansável, era capaz de acordar no meio da noite com uma idéia nova ou a lembrança de uma informação preciosa que lera em algum lugar. Dedicava-se ao seu trabalho de historiador com afinco, mas em casa, com os filhos, nunca falou dos livros que estava escrevendo. Sérgio era extremamente gregário e sociável. O autor de Raízes do Brasil e Visão do paraíso deixava a porta do escritório aberta para acompanhar os movimentos da casa e, sobretudo, para ouvir as últimas fofocas.



SÉRGIO E CHICO, EM FOTO DE  
MADELENA SCHWARTZ, 1979

## o historiador escreve sobre seu filho chico buarque

PUBLICADO NA "FOLHA DE SÃO PAULO" EM 19/10/1991

*A imagem que o público fixou de meu filho não é correta. Para o público, Chico é tímido (antes de tudo, tímido), bonzinho, retratado. Nada disso. Pelo menos em família e com os amigos, é completamente diferente, um rapaz brincalhão, extrovertido, bem para fora. Quando ele aparece em público, torna-se diferente. Talvez seja o medo de parecer ridículo. Mas podem crer, ele não é tímido, nem bonzinho. É, sem dúvida, uma boa pessoa. Mas não bonzinho, no sentido em que esta palavra é interpretada. Quando criança, jamais foi um rebelde. Posso assegurar que se tratava de uma criança normal.*

*Procurava sempre ser independente. E essa independência ele afirmava, procurando fazer tudo o que faziam os irmãos mais velhos. Nem um "amor de criança", nem um enfant terrible. Normal. Não era nem ligado ao pai nem à mãe. Dava-se bem com todos. Com as irmãs, tias e avós. Quando viajamos para a Itália (nesse tempo tinha oito anos), deixou para avó um bilhete: "Avó, vou para Itália. Quando eu voltar, provavelmente a senhora estará morta.*

*Mas não se preocupe. Eu vou me tornar um cantor de rádio. É só a senhora ligar o rádio do céu que vai me escutar".*

*Desde menino, sempre se interessou por música e futebol. Jogo, não perdia uma irradiação. Seus ídolos eram Telê, do Fluminense, e Pagão, do Santos. Na Itália, torcia pelo Genoa. Da música popular, seus ídolos eram Ismael Silva, Caymmi e Ataulfo Alves. Mas tarde, João Gilberto, de quem procurava imitar o estilo. Não acredito que Noel exerça influência sobre Chico. A maior semelhança entre os dois é a temática: urbana. Caymmi, Ataulfo e Ismael marcaram mais que Noel. Chico também não é um compositor de classe média, como afirmam por aí. Não há dúvida, Noel e Chico também se assemelham um pouco, porque ambos enfocam temas urbanos. Nada mais. Aliás, há no Brasil uma mania de Noel! Qualquer compositor que surge é imediatamente comparado com o grande criador carioca. Creio que há um pouco de exagero em tudo isso.*

*Quando surgiu a Bossa Nova, Chico se encontrou com ela. Apreciava muito João Gilberto e ouvia-o seguidas vezes. Vinícius, muito amigo da família, aparecia sempre em festas e Chico ficava a ouvi-lo, com grande admiração.*

*Desde cedo, Chico já tinha namorada. Sempre foi muito vivo e alegre. Jogava futebol nas ruas, como todos os garotos de sua idade. Quanto aos estudos, dedicava-se a eles principalmente às vésperas de exame. Estudava duas ou três horas seguidas, depois cansava e ia se divertir. Em 1962, quando terminou o curso científico, foi orador da turma, provocando muitas risadas com seu discurso cheio de humor.*

*O sucesso não o mudou essencialmente, chateia-o um pouco, apenas. Hoje, não pode sair às ruas sem que lhe venham pedir autógrafos. Para ir à praia, há dificuldades, só em São Conrado. Bem longe. Continua fiel aos amigos, embora não tenha muito tempo para se dedicar a eles. Assim que chega a São Paulo, telefona para todos, organiza noitada com eles. Chico sempre viveu em bando, com muitos amigos, uma verdadeira turma. Sua formação é, sem dúvida, paulista. Nasceu no Rio, mas quando completou dois anos, mudamos para São Paulo. Aqui, passou toda sua infância. Preferiu fazer o científico porque achava que o curso clássico era coisa de mulher. Dado momento, escolheu um ramo bem aproximado do artístico: arquitetura. Ficava em casa criando cidades imaginárias. Todas tinham uma*

fonte no meio da praça: lembrança das fontes de Roma, onde moramos algum tempo. Chico, em vez de começar a falar, cantou. Desde que tentou se expressar foi através da música. Mais tarde, ficava com as irmãs aí pela sala, inventando música. Dizia que já que não conhecia de cor música de outros compositores, era obrigado a inventar as próprias. O sucesso veio de repente, sem que ninguém esperasse. Recebi a notícia de que Chico tinha ganhado o Festival de Música Popular Brasileira com “A banda”, quando estava em Nova York. Um jornal norte-americano publicou a notícia. Claro que me senti muito orgulhoso. Cheguei à conclusão — o que uma revista publicou na época — de que, antes, ele era meu filho. E depois do festival eu passei a ser o pai dele. Não há posição melhor. Têm surgido boatos por aí, de que eu componho as músicas para ele. Mas, meu Deus, quem sou eu para ter tanto talento? Se eu soubesse escrever músicas como ele, há muito tempo não seria eu mesmo, mas Chico Buarque de Hollanda. São boatos sem fundamentos, como muitos que vão por aí. Como essas notícias que circulam, afirmando coisas que jamais afirmamos. Um jornal carioca publicou que, após ver a peça “Roda viva”, eu tinha dito: “eu sabia que havia

tudo isso aí dentro do meu filho”. A frase talvez pudesse ter sido dita por mim, mas que não disse, não disse. Das suas músicas todas, gosto mais de “A banda”, “Pedro Pedreiro”, “Roda viva” e “Carolina”. Nunca me esquecerei do dia em que ouvi “A banda” pela primeira vez, em Nova York, na casa de um amigo. Foi uma grande emoção. Não obstante todo o sucesso, o qual não lhe provoca muito prazer, é bem capaz de Chico largar tudo isso e partir para uma outra coisa qualquer, bem diferente. Ele é bem capaz disso. Muito inquieto. Muito inteligente. Sempre gostou muito de ler. Guimarães Rosa é um de seus autores preferidos. Quando fez “Pedro Pedreiro”, inventou uma palavra: pensamento. Talvez inspirado em Guimarães Rosa, que também era dado a inventar palavras.

Tolstoi e Dostoiévski também eram seus favoritos. Assim como Kafka. Em geral, ele ia lendo tudo o que caía em suas mãos. A música é responsável por ele ter abandonado o curso de arquitetura, decisão que tomou sozinho. O sucesso abriu uma impossibilidade de estudar. Excesso de compromissos, solicitações. Creio que, na música, ele se realiza mais, se torna muito mais feliz. É preferível um compositor realizado que um arquiteto frustrado, como todo mundo sabe.

Quando vai compor, geralmente fica isolado, no quarto, sozinho. A música e a letra sempre nascem juntas, uma ligada à outra, indissolivelmente. Encontrou grande dificuldade em musicar “Morte e vida severina”, porque a letra não era sua. Desde que aprendeu a tocar violão, com sua irmã Heloisa, hoje casada com João Gilberto e morando em Nova York, nunca mais deixou de compor. Sua adolescência foi normal, sem nenhum conflito especial. Posso considerá-lo um rapaz feliz. Suas primeiras composições falavam de amor. Mais tarde, quando ingressou na faculdade, passou a fazer música de participação, sendo que a primeira foi “Pedro Pedreiro”. A família ficou um pouco tonta com o sucesso tão fulminante, tão rápido. Mas já nos acostumamos. Chico é que não se habituou a ele. Ficou muito contente de ter ido a Paris, porque ninguém o conhecia por lá. Talvez o sucesso tenha provocado uma espécie de defesa, tornando-o um pouco retraído. De fato, meu filho não é tímido. É bem diferente a imagem que temos dele. Trata-se de uma pessoa normal, alegre, sem problemas graves de personalidade. Eu sei o que eu estou falando. Sou seu pai há 23 anos.

— Sérgio Buarque de Holanda



## construção

Um acontecimento, em 1959, foi marcante no cenário da música popular brasileira e determinante na vida de Chico Buarque e de muitos cantores e compositores do país: o lançamento de *Chega de saudade*, de João Gilberto. Chico afirma que o que o levou para a música de forma arrebatadora foi o fato de ele ter 15 anos quando apareceu a Bossa Nova. Nessa idade, segundo ele, forma-se a personalidade musical. Chico tem certeza que se tivesse 18 anos, ou 11, não teria sido tão influenciado. Mas, mesmo antes, as portas já se encontravam abertas para o choque da revolução musical de João Gilberto e Tom Jobim. Havia na casa da infância toda uma atmosfera propícia à formação do músico nas brincadeiras musicais com as irmãs, nas aulas de violão e coro com Miúcha, no radinho da Babá, no qual se ouvia sambinhas e marchas de carnaval, nos pais cantarolando Noel Rosa, nas reuniões dos amigos em casa, com Vinicius de Moraes liderando os saraus musicais. Quando a Bossa Nova conquistou Chico, ele já estava marcado pelas pegadas deixadas por Noel Rosa, Ismael Silva, Ataulfo Alves, Dorival Caymmi, Donga, Pixinguinha. Foi ao musicar *Morte e vida severina*, poema de João Cabral de Melo Neto, que deu o passo

À ESQUERDA JOÃO GILBERTO /  
ACERVO DA REVISTA "MANCHETE"

ABAIXO CAPA DO LP "CHEGA  
DE SAUDADE", DE 1959



"Eu era um garoto que, como os outros, amava a Bossa Nova e o Tom Jobim. Queria ser um compositor igual ao Tom Jobim. Não gostava mais das canções desesperadas. Só queria aquela música que era toda enxuta, porque derramada para dentro. Queria tocar piano igual ao Tom Jobim. Como nada me saísse direito, eu disse 'este piano é uma droga' e fugi de casa. Queria contar histórias igual ao Tom Jobim."

CHICO BUARQUE EM "ANDANDO COM TOM", DO SONGBOOK DE TOM JOBIM - 1990 (LUMIAR, VOLUME 1)

definitivo para se instalar "feito posseiro" no coração da música. "É preciso confessar que à experiência com a música de *Morte e vida severina* devo muito do que aí está. Aquele trabalho garantiu-me que melodia e letra devem e podem formar um só corpo", escrevia ele na apresentação do seu primeiro LP, *Chico Buarque de Hollanda*, em 1966. Nesta mesma apresentação disse ainda: "O samba chega à gente por caminhos longos e estranhos, sem maiores explicações." Ao trilhar os caminhos do samba e da Bossa Nova Chico chegou à sua síntese musical. Certa vez, em 1994, ele contou em entrevista: "Outro dia, num jornal, um sujeito, para falar mal de mim, me chamou de sambista, como se fosse um insulto. E eu sou um sambista. Quando eu morrer, quero que digam 'morreu um sambista que escrevia livros'."

"Tudo o que li na época não teve o mesmo impacto da música" (...) "Gosto dos Beatles, mas naquele momento rejeitei aquilo. Eu aprendia acordes dissonantes e era discípulo da imperfeição. E os Beatles vinham com aqueles acordes perfeitos."

CHICO BUARQUE EM "CHICO BUARQUE PARA TODOS",  
REGINA ZAPPA - 1999 (RELUME-DUMARA)

"A partir do momento em que Baden e Vinicius compuseram os afro-sambas e 'Berimbau', etc. e tal, e em que aconteceram o show *Opinião*, no Rio, e os espetáculos do Arena, houve pra nós, ou pelo menos pra mim, a necessidade de recuperar um pouco essa memória que havia sido radicalmente abandonada com a Bossa Nova, mas incorporando tudo o que a Bossa Nova havia trazido de novo. Ou seja, havia uma fusão, que é um pouco o que João Gilberto sempre fez, só que João Gilberto transformava essas canções em canções de João Gilberto, ele era um compositor daquelas músicas. E eu, que havia abandonado Noel Rosa, Ismael, me permiti retomar aquilo, mas tocando com o que eu imaginava que fosse a harmonia da Bossa Nova. Coisa que eu fui desenvolver mais depois do contato com o Tom Jobim".



AO LADO: BADEN POWELL E VINICIUS DE  
MORAES, EM FOTO DE PEDRO MORAES

DEPOIMENTO DE CHICO BUARQUE AO PROGRAMA "ENSAIO", DA TV CULTURA,  
DIRIGIDO POR FERNANDO FARO - 9/12/1994

*“Tárik de Souza, importante crítico de música do país, afirma que Chico é o elo perdido entre a música brasileira tradicional, que envolve nomes importantes como Pixinguinha, Noel Rosa e Anacleto de Medeiros, e a moderna MPB. “Chico deu uma cara jovem a essa música. Ele é nosso Bob Dylan — pegou a música primal brasileira e deu tratamento novo, harmonia nova. Todos se reconheceram nele. A Bossa Nova fez a ruptura, trouxe outro tipo de abordagem, a mistura com o jazz e o improviso. Chico restaurou a música que ficava obsoleta acrescentando novidades. Ele é o pós-Bossa Nova, pegou a coisa lá de trás. Por isso sua obra é sólida, porque os alicerces vêm lá de baixo, das fundações da música brasileira. Vêm de Ataulfo Alves, Ary Barroso, Ismael Silva, Pixinguinha. Durante muito tempo não se reconheceu a qualidade musical de seu trabalho porque o peso da sua palavra é muito forte. Mas as fundações da música estão lá, no trabalho de Chico, e com letras fabulosas.”*

TÁRIK DE SOUZA EM “CHICO BUARQUE PARA TODOS”, DE REGINA ZAPPA — 1999 (RELUME-DUMARÁ)



## noel rosa

*Noel de Medeiros Rosa, carioca de Vila Isabel, produziu intensamente em seus breves 26 anos de vida. Escreveu músicas para cinema e populares revistas radiofônicas. Ao lado de nomes como João de Barro e Almirante, participa, em 1929, das primeiras gravações do Bando de Tangará. Autor de sucessos como Com que roupa, Último desejo e Palpite infeliz, foi parceiro, entre outros, de Vadico, Ismael Silva, Cartola e Ary Barroso. Apresentou-se também como cantor, formando, com Lamartine Babo e Mário Reis, o conjunto Ases do Samba.*

À ESQUERDA  
NOEL ROSA / ACERVO TINHORÃO - IMS

ABAIXO  
TOM JOBIM, PIXINGUINHA, JOÃO DA BAHIANA E CHICO /  
FOTO CLOVIS SCARPINO / ACERVO TINHORÃO - IMS

DORIVAL CAYMMI / ACERVO AESP



## **ismael silva**



*Niteroiense, Ismael da Silva fundou, com alguns dos grandes sambistas da época, como Nilton Bastos, Bide, Brancura e Baiaco, a primeira escola de samba do Rio de Janeiro, a Deixa Falar, em 1928, no bairro do Estácio. O autor de Antonio tornou-se conhecido graças a sucessos como Se você jurar, gravado pela dupla Mário Reis e Francisco Alves. Com Noel Rosa, ao lado de quem estreou como intérprete, e Francisco Alves, seu principal parceiro, compôs Adeus e A razão dá-se a quem tem, entre outros sambas.*

## **ataulfo alves**

*Ataulfo Alves de Sousa, mineiro, mudou-se para o Rio de Janeiro aos 18 anos, indo morar no bairro do Rio Comprido. Obteve seu primeiro êxito popular com Saudade do meu barracão. Gravado por Carmem Miranda, Silvio Caldas e Orlando Silva, resolveu interpretar suas músicas e formou o grupo Ataulfo e suas Pastoras. Compositor de Na cadência do samba, foi parceiro de Wilson Batista em O bonde de São Januário e de Mário Lago em Ai, que saudades da Amélia, lançado no carnaval de 1942.*

## **dorival caymmi**

*Autor de Saudade da Bahia, Dorival Caymmi trocou Salvador pelo Rio de Janeiro em 1938. No ano seguinte, tornou-se nacionalmente conhecido ao interpretar, ao lado de Carmem Miranda, O que é que a baiana tem? De lá para cá, sua obra conheceu inúmeros outros sucessos, como É doce morrer no mar, Maracangalha e Modinha para Gabriela. No final da década de 50, com o surgimento da Bossa Nova, foi um dos compositores mais valorizados pelo estilo revolucionário de João Gilberto.*



ACIMA ATAU LFO ALVES / ACERVO TINHORÃO - IMS

À ESQUERDA ISMAEL SILVA / ACERVO FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL - DIVISÃO DE MÚSICA





# a banda

Chico Buarque tinha apenas 22 anos quando fez A banda. Do dia para a noite, a música transformou-o em ídolo e ele já não podia mais sair às ruas sem que uma legião de admiradores o perseguisse. Segundo Chico, a fama veio de forma acidental porque a canção deveria ter sido defendida por Nara Leão. Na véspera, porém, ficou decidido que Chico entraria, cantaria acompanhado apenas do violão, e depois entraria Nara com uma banda de verdade, cantando a música novamente. E foi assim que ela foi apresentada no festival. Naqueles tempos, os festivais de música, que começaram nos ambientes estudantis e passaram para a televisão e para o palco do Maracanãzinho, no Rio, lançavam para todo o país novas canções, cantores e autores, muitos ainda totalmente desconhecidos. Havia o festival da TV Excelsior, no qual Chico apresentou, em 1965, *Sonho de um carnaval*, defendida por Geraldo Vandré, que ficou entre as 12 finalistas. Mas os mais famosos



foram os da TV Record, de São Paulo, e o FIC (Festival Internacional da Canção), no Rio. Nestes, Chico lançou *A banda* (Record, 1966), *Roda viva* (Record, 1967) e *Sabiá* (FIC, 1968), em parceria com Tom Jobim. Quem defendeu *Roda viva*, com Chico, foi o MPB4. A música tirou terceiro lugar. Nesse festival foi classificada a nata da MPB que alçava vôo naquele momento: ganhou o páreo *Edu Lobo*, com *Ponteio*, que ele cantou com *Marília Medalha*; em segundo lugar ficou *Domingo no parque*, de *Gilberto Gil*,

Carnaval, desengano  
Deixei a dor em casa me esperando  
E brinquei e gritei e fui vestido de rei  
Quarta-feira sempre desce o pano

Carnaval, desengano  
Essa morena me deixou sonhando  
Mão na mão, pé no chão  
E hoje nem lembra não  
Quarta-feira sempre desce o pano

Era uma canção, um só cordão  
E uma vontade  
De tomar a mão  
De cada irmão pela cidade

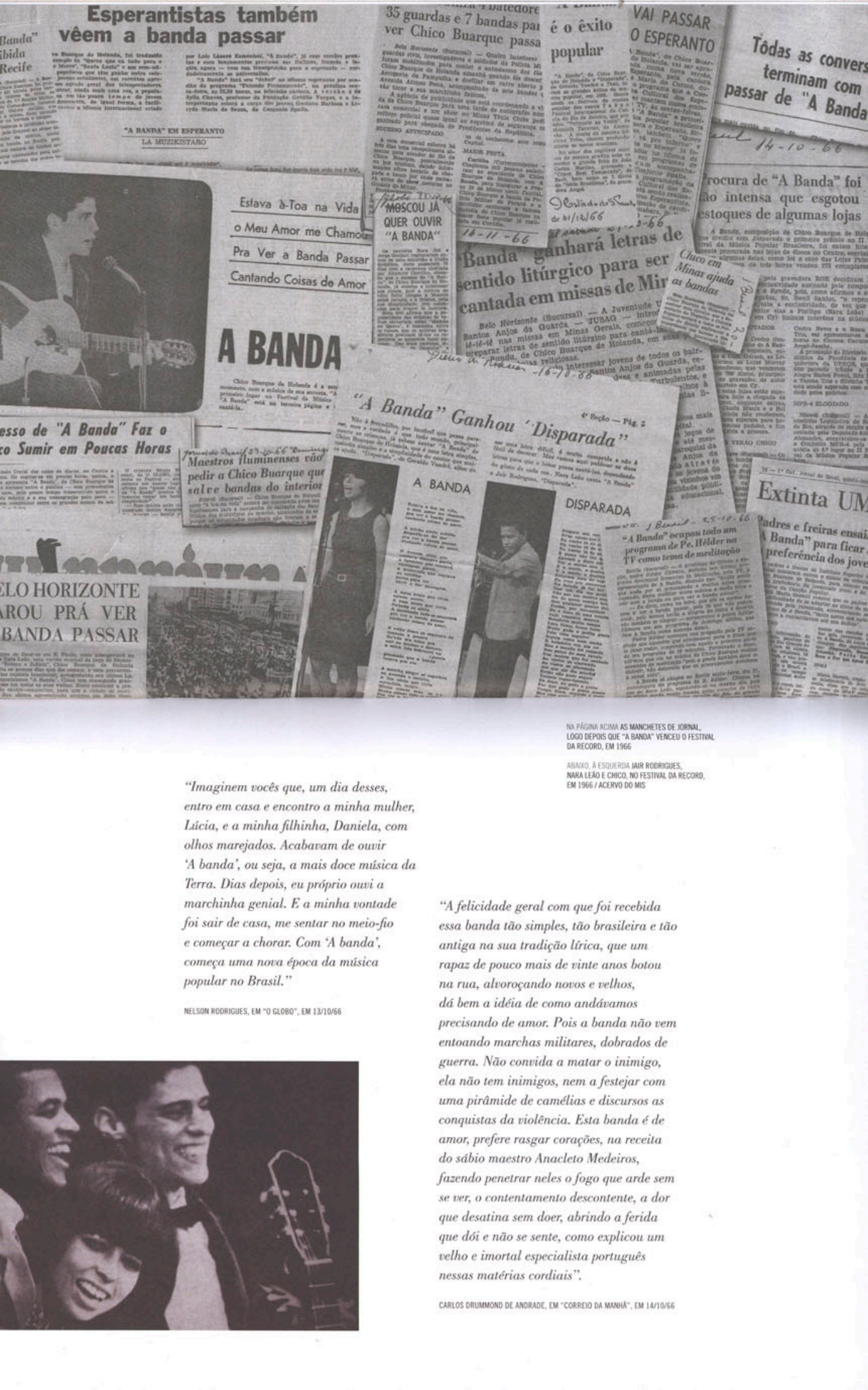
No carnaval, esperança  
Que gente longe viva na lembrança  
Que gente triste possa entrar na dança  
Que gente grande saiba ser criança

"SONHO DE CARNAVAL" - 1965



e em quarto, *Alegria, alegria*, de *Caetano Veloso*." Para defender *Sabiá* na final, Tom convocou Chico, que estava na Europa, para apoiá-lo. Nessa época politicamente turbulenta da ditadura militar, o público exigia a vitória de Pra não dizer que não falei de flores, de *Geraldo Vandré*, música de protesto mais explícita ao falar de "flores vencendo o canhão". *Sabiá* venceu a eliminatória nacional debaixo de sonora vaia, enfrentada por Tom e as cantoras *Cynara* e *Cybele*. Chico voltou de Veneza, onde estava, para ser solidário ao seu parceiro, quando a politicamente sutil *Sabiá*, que evocava o exílio forçado, vencia a fase internacional do festival. Desta vez, entre vaias e aplausos.





# Esperantistas também vêem a banda passar

De Brasília, 10 de outubro. — A Banda de Chico Buarque de Holanda, foi traduzida para o esperanto, língua de "guerra que não tem para o mundo", "língua de paz e de amor", "língua de todos", e que não tem papéis que não sejam os seus próprios. A Banda de Chico Buarque de Holanda, foi traduzida para o esperanto, língua de "guerra que não tem para o mundo", "língua de paz e de amor", "língua de todos", e que não tem papéis que não sejam os seus próprios. A Banda de Chico Buarque de Holanda, foi traduzida para o esperanto, língua de "guerra que não tem para o mundo", "língua de paz e de amor", "língua de todos", e que não tem papéis que não sejam os seus próprios.

"A BANDA" EM ESPERANTO  
LA MUZIKISTARO

# 35 guardas e 7 bandas pa- ver Chico Buarque passa

Belo Horizonte (Bucursal) — Quatro milhares guardas civis, investigadores e soldados da Polícia Militar de Belo Horizonte, foram mobilizados para acompanhar o desfile da Banda de Chico Buarque de Holanda, que se realizará no dia 14 de novembro, na Avenida Afonso Pena, acompanhada de sete bandas e sete mil músicos. A Banda de Chico Buarque de Holanda, que se realizará no dia 14 de novembro, na Avenida Afonso Pena, acompanhada de sete bandas e sete mil músicos. A Banda de Chico Buarque de Holanda, que se realizará no dia 14 de novembro, na Avenida Afonso Pena, acompanhada de sete bandas e sete mil músicos.

# VAI PASSAR O ESPERANTO

A Banda de Chico Buarque de Holanda, vai ser apresentada em Esperanto, língua de guerra que não tem para o mundo, língua de paz e de amor, língua de todos, e que não tem papéis que não sejam os seus próprios. A Banda de Chico Buarque de Holanda, vai ser apresentada em Esperanto, língua de guerra que não tem para o mundo, língua de paz e de amor, língua de todos, e que não tem papéis que não sejam os seus próprios.

# Todas as conversas terminam com passar de "A Banda"

14-10-66

# Procura de "A Banda" foi tão intensa que esgotou estoques de algumas lojas

Belo Horizonte, 10 de outubro. — A procura de "A Banda" foi tão intensa que esgotou os estoques de algumas lojas. A Banda de Chico Buarque de Holanda, foi traduzida para o esperanto, língua de guerra que não tem para o mundo, língua de paz e de amor, língua de todos, e que não tem papéis que não sejam os seus próprios.

Estava à Toa na Vida  
o Meu Amor me Chamou  
Pra Ver a Banda Passar  
Cantando Coisas de Amor

# A BANDA

Chico Buarque de Holanda é a voz  
momentânea, que o mundo de sua geração, "A  
Banda", quer ouvir no Festival de Música  
de Belo Horizonte, em 14 de novembro.

# MOSCOU JÁ QUER OUVIR "A BANDA"

Moscou, 10 de outubro. — A Banda de Chico Buarque de Holanda, será apresentada em Moscou, Rússia, em 14 de novembro. A Banda de Chico Buarque de Holanda, será apresentada em Moscou, Rússia, em 14 de novembro.

# Chico em Minas ajuda as bandas

Chico Buarque de Holanda, está ajudando as bandas de Belo Horizonte, Minas Gerais, com o seu talento musical. Chico Buarque de Holanda, está ajudando as bandas de Belo Horizonte, Minas Gerais, com o seu talento musical.

# "A Banda" Ganhará letras de sentido litúrgico para ser cantada em missas de Mir

Belo Horizonte (Bucursal) — A Juventude Unificada de Belo Horizonte, Minas Gerais, compôs 14-14-14 nas missas em Belo Horizonte, Minas Gerais, para cantar as letras de Chico Buarque de Holanda, em suas missas litúrgicas.

# Chico Buarque de Holanda é a voz momentânea, que o mundo de sua geração, "A Banda", quer ouvir no Festival de Música de Belo Horizonte, em 14 de novembro.

Chico Buarque de Holanda é a voz momentânea, que o mundo de sua geração, "A Banda", quer ouvir no Festival de Música de Belo Horizonte, em 14 de novembro.

# Esso de "A Banda" Faz o meu Sumir em Poucas Horas

Quando eu vejo a Banda de Chico Buarque de Holanda, sinto que o tempo passa muito rápido. Quando eu vejo a Banda de Chico Buarque de Holanda, sinto que o tempo passa muito rápido.

# Maestros fluminenses vão pedir a Chico Buarque que salve bandas do interior

Fluminaense, 10 de outubro. — Os maestros fluminenses vão pedir a Chico Buarque de Holanda que salve as bandas do interior. Os maestros fluminenses vão pedir a Chico Buarque de Holanda que salve as bandas do interior.

# "A Banda" Ganhou "Disparada"

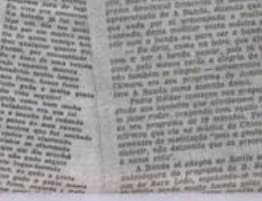
Belo Horizonte, 10 de outubro. — A Banda de Chico Buarque de Holanda ganhou o prêmio "Disparada". A Banda de Chico Buarque de Holanda ganhou o prêmio "Disparada".

# "A Banda" ocupou todo um programa de Pe. Halder na TV como tema de meditação

Belo Horizonte, 10 de outubro. — A Banda de Chico Buarque de Holanda ocupou todo um programa de Pe. Halder na TV como tema de meditação. A Banda de Chico Buarque de Holanda ocupou todo um programa de Pe. Halder na TV como tema de meditação.

# O HORIZONTE ABRIU PRÁ VER A BANDA PASSAR

O horizonte abriu para a Banda de Chico Buarque de Holanda, que se realizará no dia 14 de novembro. O horizonte abriu para a Banda de Chico Buarque de Holanda, que se realizará no dia 14 de novembro.



# Extinta UM

Extinta UM, 10 de outubro. — A Banda de Chico Buarque de Holanda, foi traduzida para o esperanto, língua de guerra que não tem para o mundo, língua de paz e de amor, língua de todos, e que não tem papéis que não sejam os seus próprios.

"Imagem vocês que, um dia desses,  
entro em casa e encontro a minha mulher,  
Lúcia, e a minha filhinha, Daniela, com  
olhos marejados. Acabavam de ouvir  
'A banda', ou seja, a mais doce música da  
Terra. Dias depois, eu próprio ouvi a  
marchinha genial. E a minha vontade  
foi sair de casa, me sentar no meio-fio  
e começar a chorar. Com 'A banda',  
começa uma nova época da música  
popular no Brasil."

NELSON RODRIGUES, EM "O GLOBO", EM 13/10/66

"A felicidade geral com que foi recebida  
essa banda tão simples, tão brasileira e tão  
antiga na sua tradição lírica, que um  
rapaz de pouco mais de vinte anos botou  
na rua, alvoroçando novos e velhos,  
dá bem a idéia de como andávamos  
precisando de amor. Pois a banda não vem  
entoando marchas militares, dobrados de  
guerra. Não convida a matar o inimigo,  
ela não tem inimigos, nem a festejar com  
uma pirâmide de camélias e discursos as  
conquistas da violência. Esta banda é de  
amor, prefere rasgar corações, na receita  
do sábio maestro Anacleto Medeiros,  
fazendo penetrar neles o fogo que arde sem  
se ver, o contentamento descontente, a dor  
que desatina sem doer, abrindo a ferida  
que dói e não se sente, como explicou um  
velho e imortal especialista português  
nessas matérias cordiais".

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, EM "CORREIO DA MANHÃ", EM 14/10/66



A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu  
A lua cheia que vivia escondida surgiu  
Minha cidade toda se enfeitou  
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor

Mas para meu desencanto  
O que era doce acabou  
Tudo tomou seu lugar  
Depois que a banda passou

E cada qual no seu canto  
Em cada canto uma dor  
Depois da banda passar  
Cantando coisas de amor

"A BANDA" - 1966

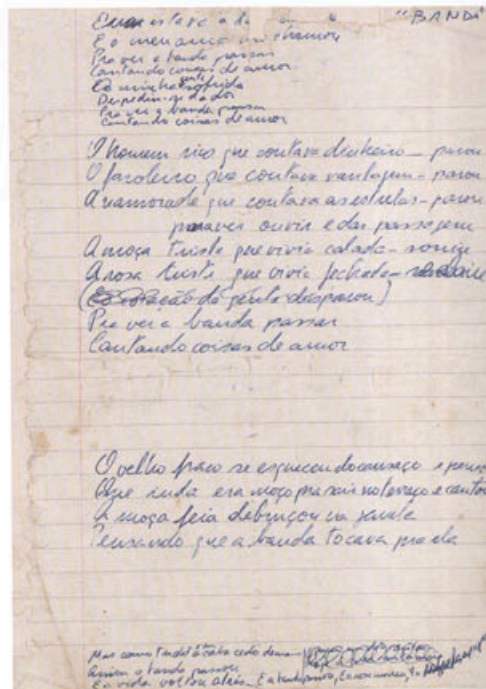
Estava à toa na vida  
O meu amor me chamou  
Pra ver a banda passar  
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida  
Despediu-se da dor  
Pra ver a banda passar  
Cantando coisas de amor

O homem sério que contava dinheiro parou  
O fareleiro que contava vantagem parou  
A namorada que contava as estrelas parou  
Para ver, ouvir e dar passagem

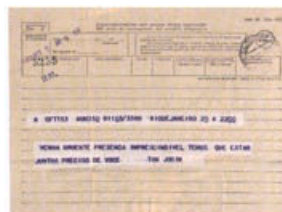
A moça triste que vivia calada sorriu  
A rosa triste que vivia fechada se abriu  
E a meninada toda se assanou  
Pra ver a banda passar  
Cantando coisas de amor

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou  
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou  
A moça feia debruçou na janela  
Pensando que a banda tocava pra ela



Vou voltar  
Sei que ainda vou voltar  
Para o meu lugar  
Foi lá e é ainda lá  
Que eu hei de ouvir cantar  
Uma sabiá

"SABIÁ", COM TOM JOBIM - 1968



ACIMA TELEGRAMA DE TOM JOBIM PEDINDO A CHICO QUE VOLTE PARA A FINAL DO FIG, QUANDO "SABIÁ" SERIA NOVAMENTE APRESENTADA, 1968

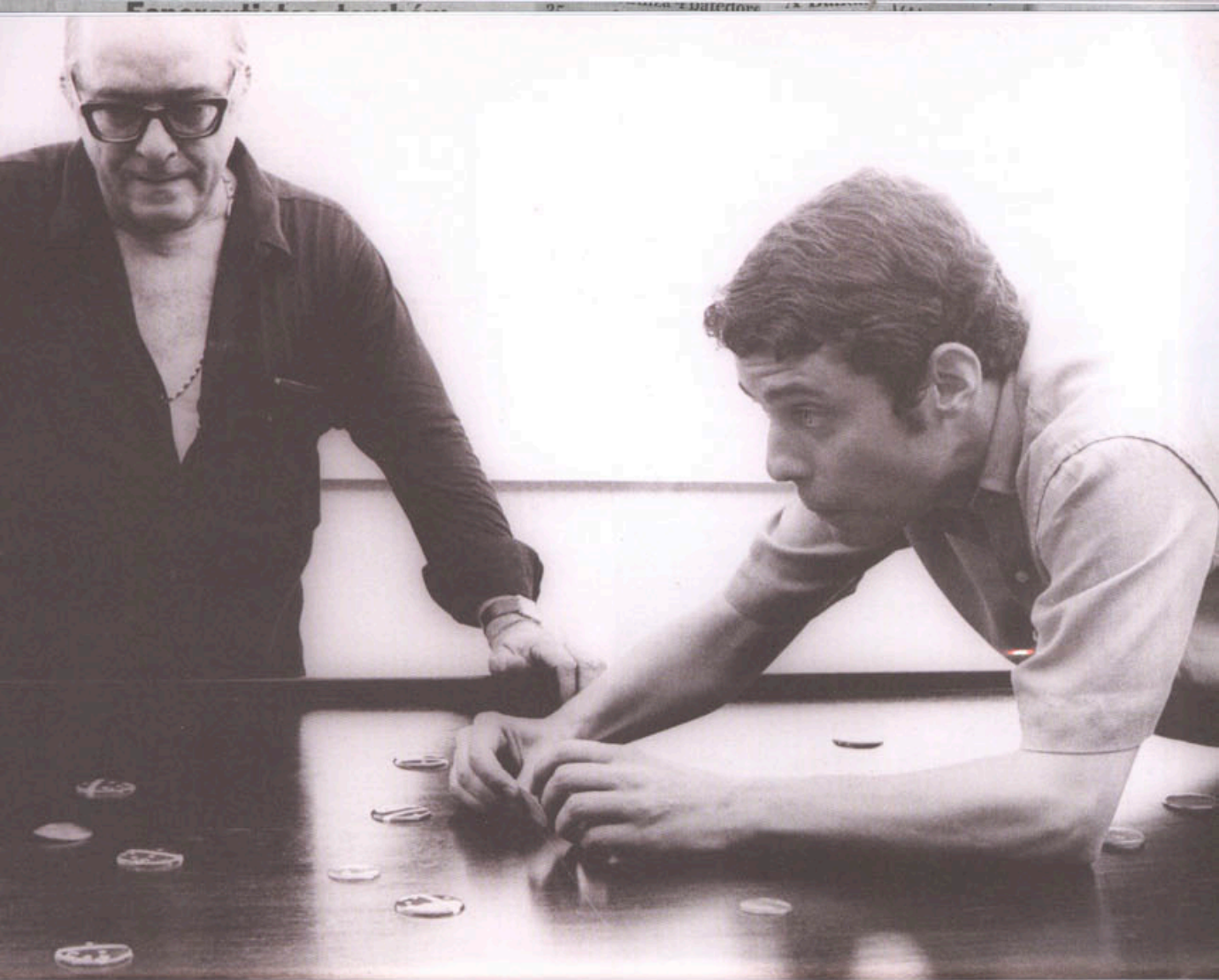
NO ALTO TOM JOBIM, CYNARA, CYELE E CHICO, NA DEFESA DE "SABIÁ", NO FIG, NO MARACANZINHO, EM 1968. FOTO DE CLOVIS SCARPINO

À ESQUERDA MANUSCRITO DE "BOM TEMPO"

Um dia cheguei em casa  
Com meu pensamento no céu  
Que ven a' hora a' hora  
Logo pensado com firmeza  
Que a vida gentil me passou  
Que ven a' hora a' hora  
Do meu lado a' remem  
Se não, nem se - João  
Que a vida me deu a' me  
Muy finalmente o domingo  
Naturalmente em me  
E vou me espalhar por aí

No compasso  
Do samba eu diria o curso  
João do bicho do bicho  
Cavagadinho de amor  
Le me vou  
Pela no tuda  
Que de mim me tratou  
Me fôra de tempo a' tempo  
Cacado de sog e de João  
Um  
Sei tempo  
Alguns batendo no peito  
E o sentido contado direito  
Certo um de mim teider  
La me vou  
Bom tempo

Estava à toa na vida  
O meu amor me chamou  
Pra ver a banda passar  
Cantando coisas de amor



### o chão nos pés

*Chico cumpre com disciplina espartana o ritual do futebol. Joga três vezes por semana, chova ou faça sol, no seu campo do Politéama (o Centro Recreativo Vinicius de Moraes), no Recreio dos Bandeirantes, onde veste a camisa 9, em homenagem a seu ídolo Pagão, antigo craque do Santos. Sabe de futebol desde que se entende por gente, e quando não jogava na rua, nos campinhos improvisados, jogava em casa, na mesa do jogo de botão. A paixão pelo futebol é tamanha que certa vez, durante o exílio na Itália, Chico se inscreveu como jogador de futebol no Mentana, um time italiano, e durante alguns meses acalentou o sonho de ser jogador profissional. Na Copa de 98 foi cronista de futebol, e num de seus textos definiu que "o drible de corpo é quando o corpo tem presença de espírito". Não gosta de teorizar sobre futebol porque, como ele já disse, é passarinho, não ornitólogo. Mas não vive sem o diabo do jogo. Chico, que fora do campo é também artista de imaginação desatada, precisa da bola e do jogo, pelo menos três vezes por semana porque, antes que a música e as palavras o soprem para distantes paragens, é preciso "pôr o chão nos pés".*



ACIMA: TORCEDOR APAIXONADO DO FLUMINENSE, EM FOTO DE LÍVIA ZANOTTI / SIGLA, 1975

NA PÁGINA ACIMA VINICIUS E CHICO NO JOGO DE BOTÃO / ACERVO DO ARQUIVO NACIONAL

Amigo velho  
Amei o teu conselho  
Amei o teu vermelho  
Que é de tanto ardor  
Mas quis o verde  
Que te quero verde  
É bom pra quem vai ter  
De ser bom sofredor  
Pintei de branco o teu preto  
Ficando completo  
O jogo de cor  
Virei-lhe o listrado do peito  
E nasceu desse jeito  
Uma outra tricolor

"ILMO. SR. CIRO MONTEIRO OU  
RECEITA PRA VIRAR CASACA DE NENÉM" - 1969

futebol

**o futebol**

para Mané, Didi, Pagão,  
Pelé e Canhoteiro

Para estufar esse filó  
Como eu sonhei  
Só  
Se eu fosse o Rei  
Para tirar efeito igual  
Ao jogador  
Qual  
Compositor  
Para aplicar uma firula exata  
Que pintor  
Para emplacar em que pinacoteca, nega  
Pintura mais fundamental  
Que um chute a gol  
Com precisão  
De flecha e folha-seca



PAGÃO / ACERVO DA FAMÍLIA

ABAIXO A LINHA DE ATAQUE DOS SONHOS DE CHICO



CANHOTEIRO / ACERVO AESP

Parábola do homem comum  
Roçando o céu  
Um  
Senhor chapéu  
Para delírio das gerais  
No coliseu  
Mas  
Que rei sou eu  
Para anular a natural catimba  
Do cantor  
Paralisando esta canção capenga, nega  
Para captar o visual  
De um chute a gol  
E a emoção  
Da idéia quando ginga

(Para Mané para Didi para Mané Mané  
para Didi para Mané para Didi para  
Pagão para Pelé e Canhoteiro)



PELÉ / ACERVO "JORNAL DO COMMERCIO"

Parafusar algum João  
Na lateral  
Não  
Quando é fatal  
Para avisar a finta enfim  
Quando não é  
Sim  
No contrapé  
Para avançar na vaga geometria  
O corredor  
Na paralela do impossível, minha nega  
No sentimento diagonal  
Do homem-gol  
Rasgando o chão  
E costurando a linha

GARRINCHA / ACERVO "JORNAL DO COMMERCIO"



DIDI / ACERVO  
"JORNAL DO COMMERCIO"



AO LADO CHICO NO MARACANÃ,  
EM FOTO DE WALTER FIRMO

ABAIXO O VALOROSO TIME DO POLITHEAMA  
NA INAUGURAÇÃO DO CAMPO, EM 1979



### hino do politheama

Politheama, Politheama,  
O povo clama por você  
Politheama, Politheama,  
Cultiva a fama de não perder

O seu pavilhão  
Tremula sempre de emoção  
E ostenta o galardão  
De clube sempre campeão

Augusto e varonil  
O nosso clube verde-anil  
Dá glórias, vitórias  
Para a história do meu Brasil

Politheama, Politheama,  
O povo clama por você  
Politheama, Politheama,  
Cultiva a fama de não perder

### o moleque e a bola

#### com os meus botões

“Certa vez fui apresentado a um antigo centromédio do Santos, o Formiga. Depois de um breve diálogo, o assunto esgotado, sem saber por que continuei a encarar-lo. O silêncio se prolongava, incômodo, e ainda encasquei de colocar a mão no ombro do Formiga. Com o polegar, comecei a pressionar de leve a sua clavícula, e me lembro que ele ficou um pouco vermelho. Então me dei conta de que, pela primeira vez na vida, conversava pessoalmente com um botão. Formiga tinha sido um dos meus melhores botões, apesar de meio oval, um botão de galalite, vermelho.”

TRECHO DE TEXTO DE CHICO BUARQUE  
PUBLICADO EM “O GLOBO/ESTADO”, EM 14/6/98

“Livresmente inspirada no football association, a pelada é a matriz do futebol sul-americano e, hoje em dia mais nitidamente, do africano. É praticada, como se sabe, por moleques de pés descalços no meio da rua, em pirambeira, na linha de trem, dentro do ônibus, no mangue, na areia fofa, em qualquer terreno pouco confiável. Em suma, pelada é uma espécie de futebol que se joga apesar do chão. Nesse esporte descampado todas as linhas são imaginárias — ou flutuantes, como a linha da água no futebol de praia — e o próprio gol é coisa abstrata. O que conta mesmo é a bola e o moleque, o moleque e a bola, e por bola pode se entender um coco, uma laranja ou um ovo, pois já vi fazerem embaixada com ovo. Daí, quando o moleque encara uma bola de couro, mata a redonda no peito e faz a embaixada com um pé nas costas.

ABAIXO A ALEGRIA NAS “PELADAS”. EM FOTO DE VERA DONATO



E quando ele corre de testa erguida no gramado liso feito um mármore, com a passada de quem salta poças por instinto, é uma elegância. Mas se a bola de futebol pode ser considerada a sublimação do coco, ou a reabilitação do ovo, ou uma laranja em êxtase, para o peladeiro o campo oficial às vezes não passa de um retângulo chato. Por isso mesmo, nas horas de folga, nossos profissionais correm atrás dos rachas e do futevôlei, como o Garrincha largava as chuteiras no Maracanã para bater bola em Pau Grande. É a bola e o moleque, o moleque e a bola.”

TRECHO DE TEXTO DE CHICO BUARQUE  
PUBLICADO EM “O GLOBO/ESTADO”, EM 21/6/98

Fernanda Montenegro diz que Chico Buarque sabe e gosta da mulher, sabe como falar da mulher, com a mulher, para a mulher. Maria Bethânia, Gal Costa, Nara Leão e Elis Regina interpretaram desde cedo as músicas de Chico, cada uma com seu estilo, ajudando a construir a aura feminina em sua obra. As mulheres se espantam com sua capacidade de desvendar o sentimento feminino. Como é que ele sabe? Como consegue penetrar com tanta intimidade esse universo de sonhos de valsa e cortes de cetim? Quando descobriu que as mulheres sabem adorar “pelo avesso”? Ao criar as personagens de suas músicas parece que a alma do compositor se desprende do corpo que habita e encarna nas Januárias, Carolinas, Anas de Amsterdam, Ritas, bailarinas, atrizes, prostitutas. Ele entra na pele das suas criaturas, respira por elas. Percebe a mulher com tal familiaridade, que é capaz de falar por ela. Parte da explicação para isso está no convívio que teve a vida inteira com as mulheres da sua família — as irmãs, a mãe, as filhas, a mulher. Mas o criador não explica sua criação, assim como não fala de amor, apenas deixa que suas músicas falem por ele. “É por isso que eu escrevo, que eu componho. Falo disso o tempo todo, minhas músicas estão aí. E nelas, tudo o que eu penso e sinto.”

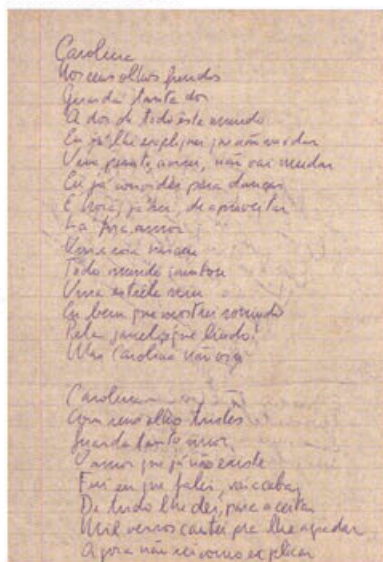
A Rita matou nosso amor  
De vingança  
Nem herança deixou  
Não levou um tostão  
Porque não tinha não  
Mas causou perdas e danos  
Levou os meus planos  
Meu pobres enganoso  
Os meus vinte anos  
O meu coração  
E além de tudo  
Me deixou mudo  
Um violão

“A RITA” – 1965

Dei pra maldizer o nosso lar  
Pra sujar teu nome, te humilhar  
E me vingar a qualquer preço  
Te adorando pelo avesso  
Pra mostrar que inda sou tua  
Só pra provar que inda sou tua...

“ATRAS DA PORTA”, COM FRANCIS HIME – 1972

MANUSCRITO DE “CAROLINA”, 1967

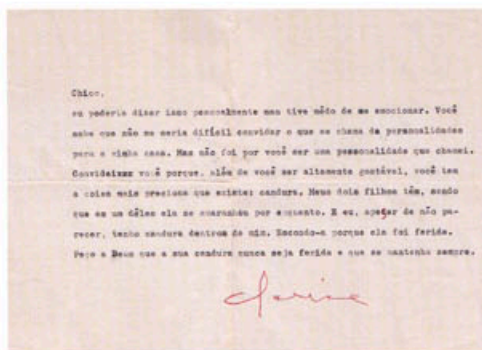


“Chico Buarque sempre foi reconhecido como um dos poetas que mais sensivelmente captam o feminino e o exprimem, traduzindo-o em palavras e música. Em sua lírica entranhadamente corporal emerge o ser e a fala da mulher, de uma perspectiva por vezes espantosamente feminina.”

“FIGURAS DO FEMININO NA CANÇÃO DE CHICO BUARQUE”, DE ADÉLIA BEZERRA DE MENESES (ATELIÉ EDITORIAL E BOITEMPO EDITORIAL)

“Buarque? Quanto menos ele faz, mais acontece. É isso é puro teatro. Ele é maravilhoso. Acho Chico Buarque de Hollanda uma das pessoas mais fortes no palco”. (...) “Ele contracena, entrega tudo para o colega de cena, dá no olho toda a intenção. Não derruba, dá o tapete, calça com movimento. Digo isso tudo a ele e ele diz: ‘Não é verdade’. E eu digo: ‘É!’”

MARIA BETHÂNIA EM “CHICO BUARQUE PARA TODOS”, DE REGINA ZAPPA (RELUME-DUMARÁ)



AO LADO BILHETE DE CLARICE LISPECTOR PARA CHICO, EM 1971  
ACIMA MARIA BETHÂNIA E CHICO EM SHOW NO CANECÃO, EM 1975



Eu sei, ai, eu sei  
 Que brilha um novo amor nos olhos seus  
 O olhar de uma mulher faz pouco até de Deus  
 Mas não engana uma outra mulher

CHICO COM NARA LEÃO NA  
 GRAVAÇÃO DO PROGRAMA  
 "PRA VER A BANDA PASSAR",  
 DA TV RECORD, EM 1966

"NOVO AMOR" - 1982



Se acaso me quiseses  
 Sou dessas mulheres  
 Que só dizem sim  
 Por uma coisa à-toa  
 Uma noitada boa  
 Um cinema, um botequim  
 E, se tiveres renda  
 Aceito uma prenda  
 Qualquer coisa assim  
 Como uma pedra falsa  
 Um sonho de valsa  
 Ou um corte de cetim  
 E eu te farei as vontades  
 Direi meias verdades  
 Sempre à meia-luz  
 E te farei, vaidoso, supor  
 Que és o maior e que me possuis  
 Mas na manhã seguinte  
 Não conta até vinte  
 Te afasta de mim  
 Pois já não vales nada  
 És página virada  
 Descartada do meu folhetim

"FOLHETIM" - 1977/78

Quero ficar no teu corpo feito tatuagem  
 Que é pra te dar coragem  
 Pra seguir viagem  
 Quando a noite vem  
 E também pra me perpetuar em tua escrava  
 Que você pega, esfrega, nega  
 Mas não lava

"TATUAGEM", COM RUY GUERRA - 1972/73

O terceiro me chegou  
 Como quem chega do nada  
 Ele não me trouxe nada  
 Também nada perguntou  
 Mal sei como ele se chama  
 Mas entendo o que ele quer  
 Se deitou na minha cama  
 E me chama de mulher  
 Foi chegando sorrateiro  
 E antes que eu dissesse não  
 Se instalou feito um posseiro  
 Dentro do meu coração

"TERESINHA" - 1977/78

E que venho até remoçando  
 Me pego cantando  
 Sem mais nem porquê  
 E tantas águas rolaram  
 Quantos homens me amaram  
 Bem mais e melhor que você

Quando talvez precisar de mim  
 "Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim  
 Olhos nos olhos, quero ver o que você diz  
 Quero ver como suporta me ver tão feliz

"OLHOS NOS OLHOS" - 1976



CHICO COM GAL COSTA, EM FOTO  
 DE ADRIANA PITTIGLIANI

MANUSCRITO DE "JANUÁRIA", 1967

Toda a gente hasenapen  
 Jamais na janela  
 Até o mar faz mar e hein  
 Pra chegar mais perto dele  
 A he - faz cara feia  
 Inveja e envidia  
 As coisas são aldeia  
 De um lado e outra  
 Quem se pede sempre e pronto  
 De um lado e de outro  
 Mesmo o sol quando despoite  
 Sempre - pronto e case dele  
 Ele faz que não dá conta  
 De uma paixe tão riçela  
 O violão se despoite  
 E vai do mar para o mar

Não, solidão, hoje não quero me retocar  
 Nesse salão de tristeza  
 Onde as outras penteiam mágoas  
 Deixo que as águas invadam meu rosto  
 Gosto de me ver chorar  
 Finjo que estão me vendo  
 Eu preciso me mostrar

"A MAIS BONITA" - 1989

Sou Ana de vinte minutos  
 Sou Ana da brasa dos brutos na coxa  
 Que apaga charutos  
 Sou Ana dos dentes rangendo  
 E dos olhos enxutos  
 Até amanhã, sou Ana

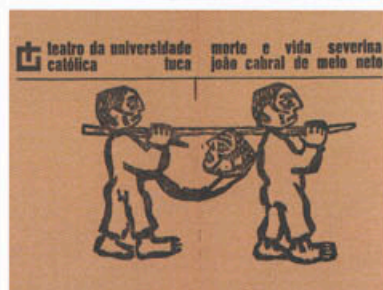
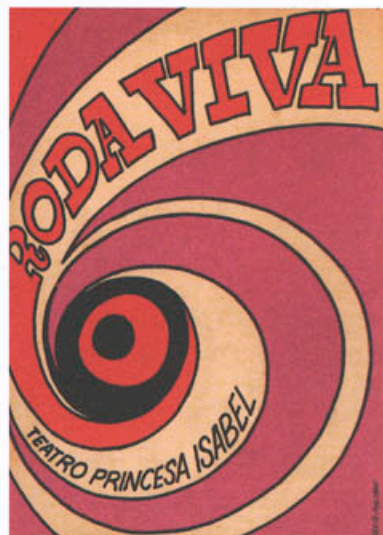
"ANA DE AMSTERDAM", COM RUY GUERRA - 1972/73

Mas nem uma mulher em chamas  
 Cede o beijo assim de antemão  
 Há sempre um tempo, um batimento  
 Um clima que a seduz

"LÁBIA" - 2001

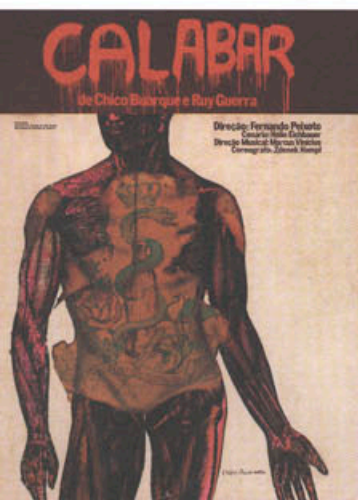
# roda viva

A primeira incursão de Chico Buarque pela dramaturgia musical com *Morte e vida severina*, de 1966, já surgia inspirada na força poética de João Cabral de Melo Neto e anunciava um Chico que se movimentava agora entre o lirismo e a contundência política. *Roda viva*, de 1967, dirigida por José Celso Martinez, quebrou definitivamente a imagem de bom moço que Chico carregava sem conforto. A peça, que discorre sobre o sorvedor do show business e a fabricação da celebridade instantânea e descartável, entrou em cena em plena ditadura militar. *Calabar*, o elogio da traição, escrita em 1973, em parceria com Ruy Guerra, foi montada, ensaiada e proibida pela censura no ensaio geral. Discutia a traição com uma finalidade louvável, “o mesmo que discutir se Lamarca, um militar que passou para o lado da guerrilha, era traidor ou não”, diria Chico. Só foi encenada anos mais tarde. Em *Gota D'Água*, 1975, peça que escreveu com Paulo Pontes, Chico atingia a plenitude dramaturgica com uma *Medéia* contemporânea, moradora de um conjunto habitacional da periferia, que é abandonada pelo marido,



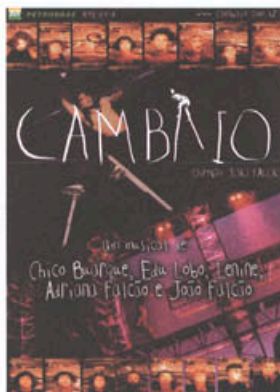
Oh, musa do meu fado  
Oh, minha mãe gentil  
Te deixo consternado  
No primeiro abril  
Mas não sê tão ingrata  
Não esquece quem te amou  
E em tua densa mata  
Se perdeu e se encontrou  
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal  
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal

"FADO TROPICAL", COM RUY GUERRA, EM "CALABAR" - 1972/73



líder da comunidade, e usa os filhos para se vingar, quando o marido trai a comunidade e a mulher, casando-se com a filha do dono do conjunto habitacional. Em 1978, Chico se inspira na *Ópera dos três vinténs*, de Brecht e Weill, para criar sua *Ópera do malandro*, ambientada na *Lapa do Estado Novo*. O musical foi novamente montado em 2003 e teve aclamação da crítica e do público. Um pouco antes, em 1977, Chico traduziu e adaptou a fábula musical infantil *Saltimbancos*, de Sérgio Bardotti, que dedicou às filhas e ficou longa temporada no *Canecão*. A partir daí, vieram o balé *O grande circo místico*, em 1982, com letras suas e músicas de Edu Lobo, *o Corsário do rei*, 1985, de Augusto Boal, *a Dança da meia-lua*, 1987/88, e *Cambaio*, 2001, estas também dele e de Edu Lobo, *Suburbano coração*, 1989, de Naum Alves de Souza, e muitas trilhas de filmes. Chico Buarque, como definiu o crítico teatral Macksen Luiz, chegou ao teatro “pelos acordes da música, a sonoridade da poesia e o estrondo da política”.





Um lugar deve existir  
 Uma espécie de bazar  
 Onde os sonhos extraviados  
 Vão parar  
 Entre escadas que fogem dos pés  
 E relógios que rodam pra trás  
 Se eu pudesse encontrar meu amor  
 Não voltava  
 Jamais

"A MOÇA DO SONHO", COM EDU LOBO, EM "CAMBAIO" - 2001

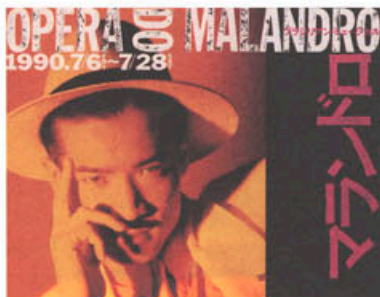


Já lhe dei meu corpo, minha alegria  
 Já estaquei meu sangue quando fervia  
 Olha a voz que me resta  
 Olha a veia que salta  
 Olha a gota que falta pro despecho da festa  
 Por favor  
 Deixe em paz meu coração  
 Que ele é um pote até aqui de mágoa  
 E qualquer desatenção, faça não  
 Pode ser a gota d'água

"GOTA D'ÁGUA" - 1975



"ÓPERA DO MALANDRO", 1978



Agora já não é normal  
 O que dá de malandro regular, profissional  
 Malandro com aparato de malandro oficial  
 Malandro candidato a malandro federal  
 Malandro com retrato na coluna social  
 Malandro com contrato, com gravata e capital  
 Que nunca se dá mal  
 Mas o malandro pra valer — não espalha  
 Aposentou a navalha  
 Tem mulher e filho e tralha e tal  
 Dizem as más línguas que ele até trabalha  
 Mora lá longe e chacoalha  
 Num trem da Central

"HOMENAGEM AO MALANDRO", EM "ÓPERA DO MALANDRO" - 1977/78

# meus caros amigos

Ao longo de sua trajetória, Chico escolheu parceiros com quem dividiu o trabalho de composição musical. Em todo o processo de criação musical, nunca escreveu uma letra para a música de um parceiro ou dele próprio. E poucas vezes fez música para letras de outros compositores. No início, compunha letra e música de uma só vez, mas com o tempo passou a criar a música para depois pôr a letra, como se fosse parceiro dele mesmo. Ele diz que nunca escreveu um poema e não sabe como se escreve uma letra ser conduzido pela música. O parceiro musical mais constante é Edu Lobo, com quem criou musicais, balés e trilhas de peças. Também compôs muito com Francis Hime, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Ruy Guerra. Fez música com Milton Nascimento, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Augusto Boal, Carlinhos Vergueiro, Djavan, Dominginhos, Toquinho, Guinga, Luis Cláudio Ramos e tem parceria em uma música com muitos outros. Algumas dessas parcerias transformaram-se em profundas amizades.

CHICO E MILTON, EM 1977, EM FOTO DE CAFI



*"Para o Brasil, é uma coisa muito boa ter um Chico Buarque. Ele é um gênio da raça, depositário da cultura popular brasileira. Grande poeta, grande músico, grande letrista, grande escritor, grande tudo."*

TOM JOBIM, "FOLHA DE SÃO PAULO" - 18/6/94



ACIMA GILBERTO GIL E CHICO, NA DÉCADA DE 1960 / ACERVO DA REVISTA "MANCHETE"

A ESQUERDA MANUSCRITO COM UM DOS PRIMEIROS ESBOÇOS DE "VALSA BRASILEIRA", SOBRE LETRA DATILOGRAFADA





Olha as minhas meninas  
 As minhas meninas  
 Pra onde é que elas vão  
 Se já saem sozinhas  
 As notas da minha canção  
 Vão as minhas meninas  
 Levando destinos  
 Tão iluminados de sim  
 Passam por mim  
 E embarçam as linhas  
 Da minha mão

As meninas são minhas  
 Só minhas na minha ilusão  
 Na canção cristalina  
 Da mina da imaginação  
 Pode o tempo  
 Marcar seus caminhos  
 Nas faces  
 Com as linhas  
 Das noites de não  
 E a solidão  
 Maltratar as meninas  
 As minhas não

As meninas são minhas  
 Só minhas  
 As minhas meninas  
 Do meu coração

"AS MINHAS MENINAS" - 1986



## as minhas meninas

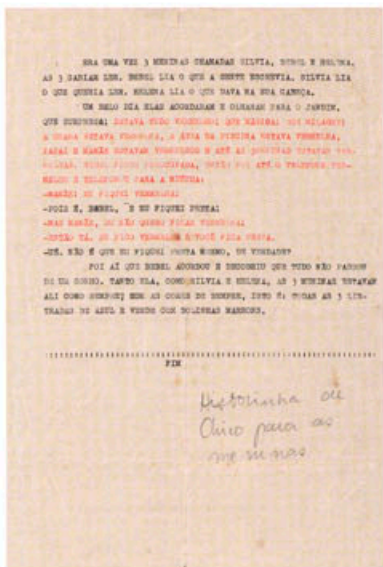
Nabucodonosor casava com Cleópatra. O rei Salomão, que tinha muitas filhas, inclusive uma muito boêmia que dormia de dia e ficava acordada de noite, era amigo de Marco Polo. Ponce de Leon passava a vida na busca da fonte da juventude e era muito amigo de Platão. Essas histórias sem pé nem cabeça eram inventadas por Chico para fazer as filhas dormir. Silvia, Helena e Luísa, as meninas de Chico, conviveram com um pai amoroso, presente e brincalhão. A maior parte do tempo, Chico trabalhava em casa e a porta do seu escritório nunca esteve fechada para as filhas. Na hora de dormir, ele também cantava marchinhas de carnaval antigas, mas sua música nunca tocou em casa. Cada filha é de um jeito e cada uma, segundo a mãe Marieta Severo, com quem Chico foi casado durante 30 anos, tem um canal de comunicação diferente com o pai. Ele próprio define o clima de cada uma: Silvinha gosta de conversar, sair para jantar, quer sempre saber das coisas; Lelê é a companhia ideal para relaxar, ficar do lado sem precisar falar muita coisa; Luísa é a companheira das aventuras, das caminhadas, dos programas na natureza.



ACHA SILVINHA RECÉM-NASCIDA, COM MARIETA, CHICO E O PADRINHO VINÍCIUS, EM LISBOA, 1969

NO ALTO CHICO COM LUISA, EM FOTO DE PII

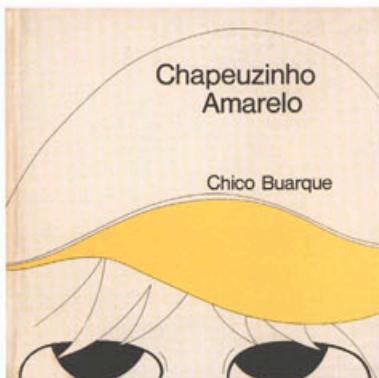
NA PÁGINA ACIMA CHICO VESTIDO DE JUIZ DE FUTEBOL, COM SILVINHA, LUISA, MARIETA E LELÊ. FOTO DE PII



ACIMA HISTÓRIA INFANTIL CRIADA POR CHICO PARA AS FILHAS SILVINHA E LELÉ E A SOBRINHA BEBEL

ACIMA, À DIREITA CAPA DO LIVRO INFANTIL "CHAPEUZINHO AMARELO", DEDICADO À FILHA LUISA

À DIREITA CENA DE "SALTIMBANCOS", ENTRE AS CRIANÇAS SILVINHA, LELÉ E BEBEL, EM FOTO DE PII, 1977



Doce a música  
Silenciosa  
Larga o meu peito  
Solta-se no espaço  
Faz-se certeza  
Minha canção  
Réstia de luz onde  
Dorme o meu irmão

"MINHA CANÇÃO", ENRIQUEZ - BARDOTTI, VERSÃO DE CHICO BUARQUE - 1977



*"Eu só penso que tenho obrigação de fazer filhos melhores do que eu. E acho que acertei. Tenho a impressão de que me empenhei e com sucesso. Tenho três filhas que olho e penso: são melhores do que eu".*

CHICO EM "CHICO BUARQUE PARA TODOS", DE REGINA ZAPPA (RELUME-DUMARÁ, 1999)



À ESQUERDA A NETA LIA, FILHA DE LUISA, EM 2004. FOTO DE RUTH BUARQUE

ABAIXO OS NETOS CHIQUEINHO E CLARA, FILHOS DE LELÉ, NA CASA DA RUA BURI, EM 2002

*"Com neto a gente se liberta um pouco da responsabilidade. Não vejo neto como continuação de filho. É outro patamar. São os filhos da minha filha. Tenho o maior carinho, mas não me sinto responsável pela formação deles. Isso passa para os filhos. O que eu penso é que eles têm que crescer um pouquinho para se lembrarem de mim porque eu posso morrer e gostaria que se lembrassem de mim fisicamente."*

CHICO EM "CHICO BUARQUE PARA TODOS", DE REGINA ZAPPA (RELUME-DUMARÁ, 1999)



Me sobre novamente as canções  
Com que você me engana  
Que blusa você, com o seu cheiro  
Deixou na minha cama?  
Você, quando não dorme  
Quem é que você chama?

"VOCÊ, VOCÊ - UMA CANÇÃO EDIPIANA", COM GUINGA - 1998





*“Uma vez ele gravou numa fita todas as músicas que cantava para mim, para eu ouvir quando ele saísse.”*

LUÍSA EM “CHICO BUARQUE PARA TODOS”, DE REGINA ZAPPA (RELUME-DUMARÁ, 1999)

Não livra ninguém  
 Todo mundo tem remela  
 Quando acorda às seis da matina  
 Teve escarlatina  
 Ou tem febre amarela  
 Só a bailarina que não tem  
 Medo de subir, gente  
 Medo de cair, gente  
 Medo de vertigem  
 Quem não tem

“CIRANDA DA BAILARINA”, COM EDU LOBO – 1982

ACIMA PERFORMANCE DE LUÍSA NA INTREPÍDA TRUPE.  
 FOTO DE CLÁUDIO RIBEIRO

A DIREITA LUÍSA, EM FOTO DE PII



*“Meu pai sempre foi uma presença silenciosa dentro de casa. Muito presente, estava sempre lá, e isso foi marcante porque quando eu era pequena era raro pai de criança em casa.”*

SILVIA EM “CHICO BUARQUE PARA TODOS”, DE REGINA ZAPPA (RELUME-DUMARÁ, 1999)



ACIMA SILVINHA, CHICO E LELÉ

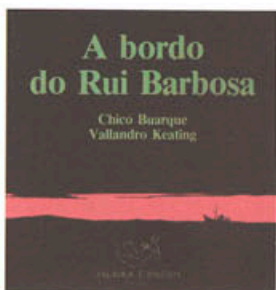
ACIMA, À ESQUERDA LELÉ E SILVINHA.  
 FOTO DE PII

*“Sempre foi uma pessoa muito brincalhona, fazia mágica e gostava de pregar peças. Silvia e eu dormíamos no mesmo quarto, e ele fazia mágica na hora de dormir. Às vezes, pegava uma tesoura, passava um fio de nylon no buraco da tesoura e dizia que a tesoura voava.”*

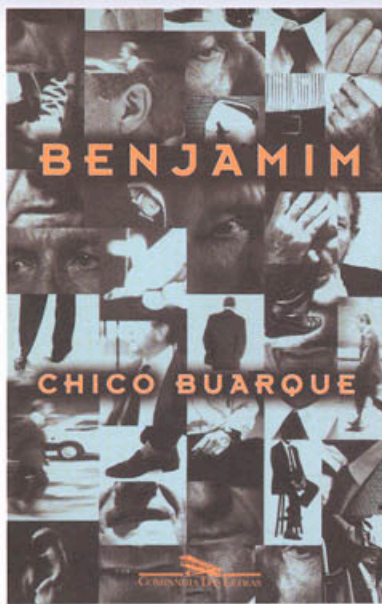
HELENA EM “CHICO BUARQUE PARA TODOS”, DE REGINA ZAPPA (RELUME-DUMARÁ, 1999)

# tantas palavras

A vocação literária surgiu em Chico antes da música. O gosto pela literatura já seria consequência natural em uma casa repleta de livros e da convivência com o pai historiador e escritor. Mas desde cedo, Chico mostrava ter uma imaginação forte. Criava no papel cidades imaginárias, com cinemas, campos de futebol, bairro operário, pontos de ônibus, praças e fontes. Diz hoje que não mostrava ali seu lado arquiteto — que ele tentou mais tarde firmar na faculdade, abandonada antes da conclusão —, mas a porção historiador. Chico é um grande colecionador e contador de histórias. Tira muitas da poderosa imaginação que tem e recolhe outras tantas com sua observação atenta do mundo à sua volta. De posse das histórias e da invenção, torna-se, então, um obsessivo torneador de palavras, um homem de “palavras cirúrgicas”, como definiu Ruy Guerra. Na canção, nunca escreveu a letra antes da música. Espera que a música o guie. Nela, recria sentimentos e ambientes em que nos reconhecemos e nos sentimos em casa.



Nos livros, Chico nos desaloja da casa e do conforto. Seus romances são viagens da imaginação a territórios angustiados e desconcertantes, mas tão bem traçados pelas palavras que nos impelem à incursão por esses espaços. A essência literária e poética de Chico Buarque pode ser descrita de diversas formas. Todas, porém, evocam sua devoção pelo verbo. Não fica em sossego enquanto não encontra a palavra exata para o romance ou a letra da música. Pode passar um dia inteiro construindo um parágrafo. Chico hoje compõe e escreve de forma mais elaborada, perseguindo progressivamente maior precisão no texto. Convive com as palavras como se elas fossem suas prisioneiras. Mas logo que elas se ajustam com rigor ao texto são alforriadas pelo autor e vão habitar outros olhos.



ABAIXO, À DIREITA E PÁGINA  
DUPLA ANTERIOR DESDE A INFÂNCIA  
CHICO CRIAVA CIDADES IMAGINÁRIAS.  
ESSA, TORGONA, É DOS ANOS 70,  
DESENHADA NO VERSO DE UM  
CARTAZ DE "CALABAR" E  
DADA DE PRESENTE AO PRIMO  
ROBERTO DE SOUZA DANTAS.

*"Quando escrevo não tenho parceiro, sinto  
falta da música. Quem lê sem saber quem  
é o autor, acha que é um músico  
desalojado que escreve."*

"CHICO BUARQUE PARA TODOS", REGINA ZAPPA - 1999 (RELUME-DUMARÁ)

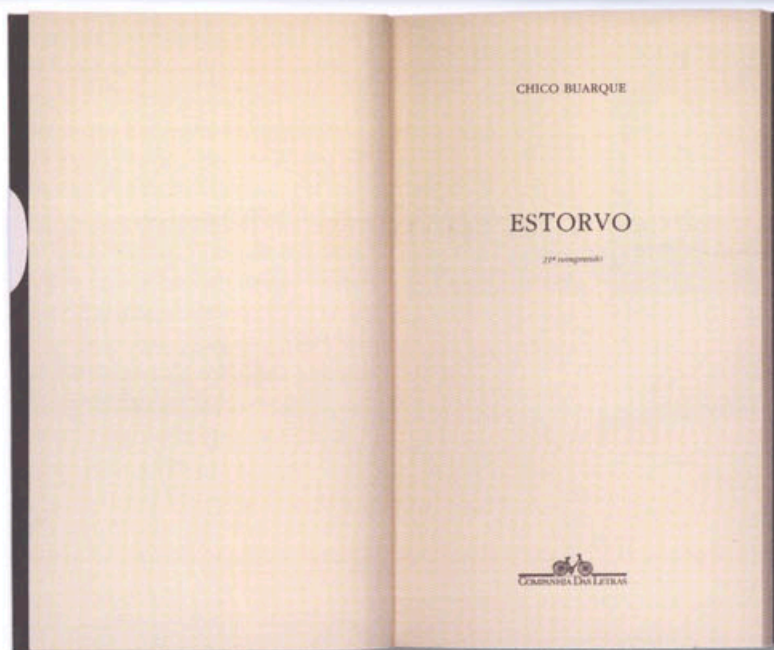


*"Chico precisa do tormento, se alimenta do  
tormento, o tormento é necessário, é vital.  
E quando o tormento vira criação, aí é o  
paraíso (...) São, então, os verdadeiros e  
grandes momentos de felicidade."*

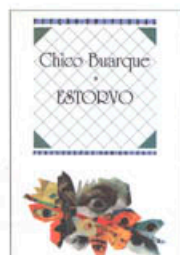
MARIETA SEVERO EM "CHICO BUARQUE PARA TODOS",  
REGINA ZAPPA - 1999 (RELUME-DUMARÁ)

*"Meu trabalho é diário, é cotidiano  
mesmo, dia e noite. Chega um  
momento que tenho vontade de botar  
um ponto final. Sei que se não puser, vou  
ficar mexendo indefinidamente."*

"CHICO BUARQUE PARA TODOS", REGINA ZAPPA - 1999 (RELUME-DUMARÁ)



ESPAÑA (CATALUNHA) - 1992



PORTUGAL - 1997



FRANÇA - 1992



ALEMANHA - 1997

*"Tudo o que faço é muito intuitivo,  
no sentido de que estou completamente  
desligado do discurso teórico  
sobre literatura."*

"CHICO BUARQUE PARA TODOS",  
REGINA ZAPPA - 1999 (RELUME-DUMARÁ)



NORUEGA - 1992



DINAMARCA - 1992



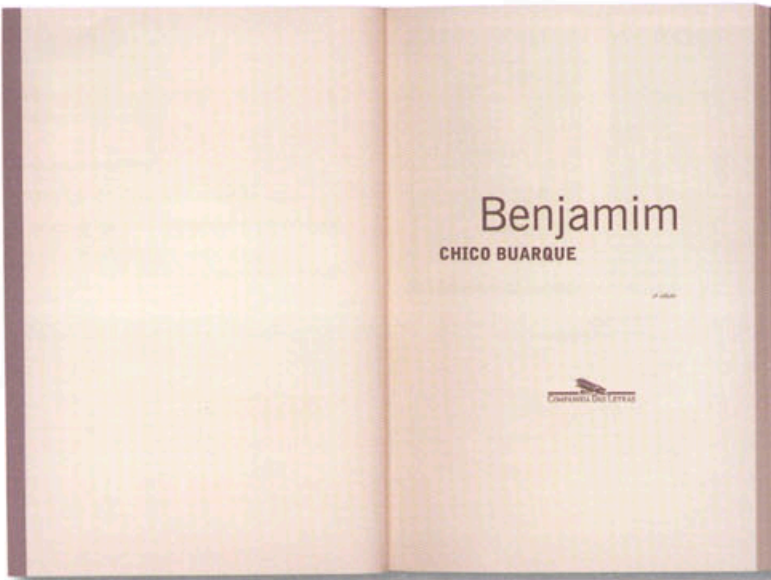
HOLANDA - 1992



INGLATERRA - 1992

A ventura permanente que é entrar em contato com as palavras através da sensibilidade de Chico, seja ouvindo as suas canções, seja lendo em silêncio seus livros, reafirma-se, até mesmo se intensifica, neste romance. Mas o que mais me fez feliz foi encontrar nele, por causa dessa Budapeste que (não) a espelha, a cidade do Rio de Janeiro. Também pareceu-me ver mais o próprio Chico, a pessoa que conheço, neste do que nos outros livros. E a intensidade da concentração do escritor mostra-se aqui impressionante. Talvez o mais belo dos três livros da maturidade de Chico, "Budapeste" é um labirinto de espelhos que afinal se resolve, não na trama, mas nas palavras, como os poemas.

CAETANO VELOSO SOBRE "BUDAPESTE", "O GLOBO" – 14/9/03



INGLATERRA – 1997



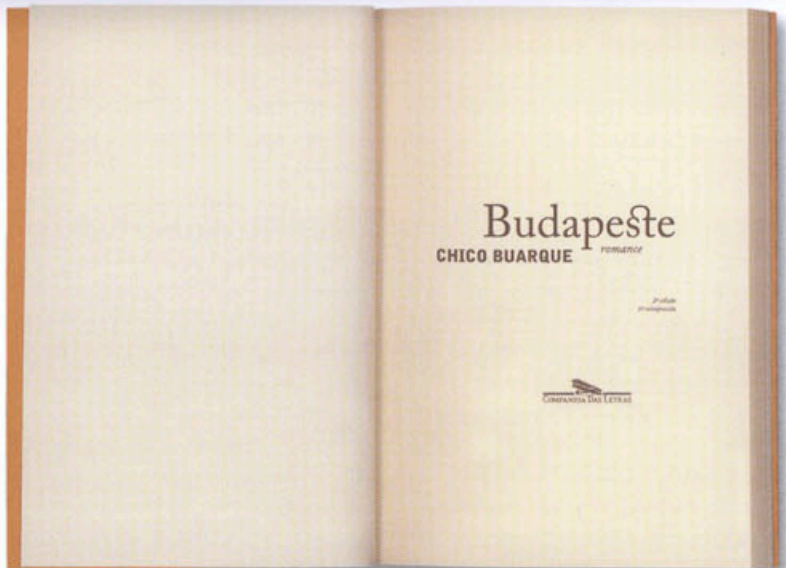
ITÁLIA – 1999



FRANÇA – 1997

Sem parecer pretendê-lo, cada página do romance expressa uma interpelação "filosófica" e uma provocação "ontológica": que é, afinal, a realidade? O que e quem sou eu, afinal, nisso que me ensinaram a chamar realidade? Um livro existe, deixará de existir, existirá outra vez. Uma pessoa escreveu, outra assinou, se o livro desapareceu, também desapareceram ambas? E se desapareceram, desapareceram de todo ou em parte? Se alguém sobreviveu, sobreviveu neste ou noutro universo? Quem serei eu, se tendo sobrevivido não sou já quem era? Chico Buarque ousou muito, escreveu cruzando um abismo sobre um arame e chegou ao outro lado. Ao lado onde se encontram os trabalhos executados com mestria, a da linguagem, a da construção narrativa, a do simples fazer. Não creio enganar-me dizendo que algo novo aconteceu no Brasil com este livro.

JOSÉ SARAMAGO SOBRE "BUDAPESTE", "FOLHA DE SÃO PAULO" – 14/9/03



O livro do Chico é uma vertigem. Você é sugado pela primeira linha e levado pelo estilo falso-leve, a prosa depurada e a construção engenhosa até sair no fim lamentando que não haja mais, assombrado pelo sortilégio deste mestre de juntar palavras. Literalmente assombrado.

LUIS FERNANDO VERÍSSIMO SOBRE "BUDAPESTE", "O GLOBO" – 14/9/03



INGLATERRA – 2004



PORTUGAL – 2003

**um lugar ao sol**

*O vosso correspondente em Roma não se encontra em Roma. Em Roma não há ninguém. Fugiram todos à praia em gozo de sol e férias. Sigo a multidão com minha tenda, meu trapézio e meus leões. Essa é a vida de artista, correr aonde está o público para poder fingir que é o público a nos correr atrás. Dia desses baixei em Capri que, segundo o cicerone, ostenta as praias mais lindas do mundo depois do Rio de Janeiro. Comovido, agradeci, dobrei a gorjeta e fui conferir. Realmente o azul do mar, com as rochas brancas e a mata cheirosa, é um espetáculo único. Mas ir à praia, aí é que são elas. Convenci-me de que brasileiro não sabe tomar banho de mar, e olha que tive o maior empenho em aprender.*

— *Paga-se a entrada!! Pois não.*

*Paga-se o vestiário? Pois não.*

*O mictório também? Não tem problema.*

*Entrada, vestiário, mictório, guarda-sol, cadeira, bóia, descí à praia cheio de tickets e privilégios. Irrepreensível, pensei. Agora que descobri os macetes é só deitar na areia, comprar um chica-bom e pensar besteira, igual a Copacabana. Mas qual não foi minha surpresa quando cheguei à areia (pedregulhos) e a encontrei literalmente*

*repleta de cabeças, pernas, barrigas e bumbuns. Tentei abrir caminho, pedi um passinho à frente, por favor, disse que ia saltar no próximo ponto, mas os corpos estavam surdo-moles no mormaço. Recuei alguns metros, pisei nas partes duma senhora e subi os degraus de volta. Lá em cima, sobre o cimento, havia um colchão de ar jogado à toa. Deitei e ameacei um cochilo, mas o bilheteiro do balneário veio perguntar em inglês se eu era da família americana. À minha primeira pronúncia ficou evidente que eu não era não de tão boa família, diante do que fui convidado a me retirar do colchão esplêndido. Nisso me revoltei bradando que queria um lugar ao sol, queria um lugar ao sol, frase que aprendi nos bastidores da televisão. Na minha terra, insisti, a praia é do povo como o céu é do condor.*

— *Mas aqui o colchão é dos americanos — disse o bilheteiro friamente.*

*Eu não ia discutir, ainda mais que os americanos tinham acabado de invadir a lua, uns dias antes. Eu não ia discutir por causa dum colchão de ar. Não discuti, mas fiquei com aquilo atravessado na garganta, por isso fui até o bar para engolir melhor. Uma droga dum colchão de ar. Sentei no bar e fiquei vendo os americanos prostrados ao sol.*

*Pareciam cada vez mais bonitos, saudáveis, bronzeados, e eu muito cinzento e verde. Assim passavam-se as horas e nada de vagar um só buraquinho. Pelo contrário, chegavam sempre novos banhistas, desses gordos, sem ossos, gelatinas. Iam falando please e acabavam se encaixando. O aglomerado já formava uma massa tão comprimida que dali a pouco, com mais um aperto, dava a impressão que uns e outros iam estourar para o alto que nem pipoca. E quando alguém se levantava, deixava sempre um chapéu para garantir a vaga. Às cinco e meia resolvi desistir, mas aí abriram um primeiro espaço. Saiu um, saíram dois, saí eu e corri a reservar meus pedregulhos. Sobrou uma cadeira, tomei conta. Apossei-me duma bola, dum colchão, dum guarda-sol, tudo junto. Afinal eu tinha os tickets, estava no meu direito. Só achei estranho aquele êxodo assim precipitado, pois em poucos minutos eu estava sozinho na praia. Engraçado, porque americano não é de abandonar um bom lugar sem mais nem menos. Que diabo, se eles foram embora é porque algo de ruim vem por aí. Pensei em chuva, tempestade, tubarão, mas nada. Só os bilheteiros que estavam recolhendo tudo, o bar que estava fechando, o último ônibus que estava*

*partindo e eu que estava sendo expulso. Expulsão não é bem a palavra, não é exata. Mas ficam aqueles garçons resmungando e olhando para a sua cara. E vem aquele empregado mandando você erguer os pés, os dois ao mesmo tempo, para passar o escovão debaixo. Como boteco de portugueses à meia-noite. Que é isso, perguntei, vai fechar a praia? Pois é claro, disse o empregado, às seis horas nós fechamos tudo. E continuou a esfregar sabão na praia. Não era o caso de contestar a organização lá deles, mas confesso que fiquei perturbado. Ainda mais quando, ao deixar o local, olhei para o mar e vi o que vi. Aliás, não sei se vi mesmo, é difícil acreditar. Vai ver que o sol me batera na cabeça de mau jeito. Ou então fora o gim, sei lá, gim é uma bebida desleal. Não posso jurar nem peço que me criam, mas o que vi foi o seguinte: o mar esvaziando, esvaziando, os barcos acomodando-se entre as pedras e o Mediterrâneo sendo chupado pelo ralo, dando lugar a magníficas auto-estradas, caminhões, ferrovias, semáforos, supermercados, perdendo-se de vista no horizonte.*

— *Chico Buarque*

*O Pasquim, 28/8/69*



Num tempo  
 Página infeliz da nossa história  
 Passagem desbotada na memória  
 Das nossas novas gerações  
 Dormia  
 A nossa pátria mãe tão distraída  
 Sem perceber que era subtraída  
 Em tenebrosas transações

"VAI PASSAR", COM FRANCIS HIME - 1984

À DIREITA LETRA DATILOGRAFADA DE "JORGE MARAVILHA", COM OS PRIMEIROS E ÚLTIMOS VERSOS FALSOS PARA DESPISTAR A CENSURA

À DIREITA PEQUENA BIOGRAFIA DE PEDRINHO MANTEIGA, PERSONAGEM CRIADA POR CHICO PARA DRIBLAR A CENSURA, MAS QUE NÃO GANHOU VIDA, COM LETRA DA MÚSICA "ESTE É UM SAMBA QUE VAI PRA FRENTE", POSTERIORMENTE ASSINADA POR CHICO

ABAIXO DESFILE DA MANGUEIRA, QUE HOMENAGEOU CHICO EM 1998. FOTO AGÊNCIA GLOBO



JORGE MARAVILHA (pên. a favor de Silveira)

Você não conhece  
 Que o amor toma conta  
 É a chama que ilumina  
 É a vida aliada  
 É uma amor por ela  
 É uma cidade  
 Construída nos paz e compreensão  
 Ela tem cada um no dia  
 Não um outro dia  
 Jura se dar razão  
 E não vale a pena ficar  
 Apesar ficar aborrido, resmungando, resmungando, não, não  
 E esse é desta Jorge Maravilha, prova de raça  
 "Mas vale uma filha na mão de que não pode escapar"  
 Você não gosta de mim  
 Mas sua filha gosta  
 Ela gosta do tempo, do tempo, do tempo, do tempo, do tempo  
 Ela joga e se joga, bellesa, patética, se arrisca e se enrosca  
 É a sua amor por ela  
 É uma cidade  
 Construída nos paz e compreensão  
 Jura sempre paz e compreensão  
 É a sua amor por ela  
 Como uma cidade  
 Construída nos e compreensão  
 Jura sempre paz e compreensão  
 Jura sempre paz e compreensão

PEDRINHO MANTEIGA (pên. a favor de Buarque, Compositor Brasileiro, seu é (autor) música gerada, com o nome artístico de Pedrinho Manteiga, não do nome de (autor) compositor italiano. "Este é um samba que vai pra frente", de PEDRINHO MANTEIGA, foi selecionado entre as 100 músicas apresentadas em festival organizado pela imprensa em que trabalhou. Teve o seu gravado pelo cantor JAYA RODRIGUES, segundo os organizadores daquele festival. A letra:

ESTE É UM SAMBA QUE VAI PRA FRENTE  
 de Pedrinho Manteiga (Odeio A. dos Santos)

Na noite foi um samba bem pra frente  
 Dizendo palavras a que é que eu acho  
 Eu acho que o meu canto é concreto  
 É conscientemente dentro do tempo  
 Hoje é preciso refletir no tempo  
 É ver que o tempo está ficando lento  
 Só mesmo obrigado ao muito tempo  
 Pra voltar e pra notar defeito  
 Preciso ser muito sincero e claro  
 Pra mostrar que não estou errado  
 Talvez preciso até falar no caso  
 Pra ver que a vida já tem se tornado  
 Um mar de que não dá de contar  
 Não ver a multidão sembar contente  
 Isso me deixa triste e satisfeito  
 Por isso eu fiz um samba bem pra frente

Decepar a cana  
 Recolher a garapa da cana  
 Roubar da cana a doçura do mel  
 Se lambuzar de mel

"O CIO DA TERRA", COM MILTON NASCIMENTO - 1977

Paris, 10 de Agosto de 1972

Glauber Rocha

Altívino Barão Marques

Aproveite e nesse Casá para te enviar meu abraço e de exilar e veladamente que curta saúde secar de teu último disco.  
 Como me falta aquela intimidade de ouvir e as coisas ficam formais se começo a dizer que bilatar realidade etc...acho que você tem um grande senso e de humor e transmite a teu pai meus comprimentos de letra fiel e "Este é um samba que vai pra frente" mais em moda entre os exilados que curtos "Samba do Brasil".  
 É muito bom saber português.  
 A barra atual é pessimista mas você está tirando de letra. As músicas são ótimas, você canta o fino, minha mulher gosta também, o que é muito melhor, por que assim os discos giram sem parar com a mania obsessiva. O ator de French, último filme de Hitchcock, parece com você. Estou cantando muito bem no ~~gostoso~~ nordestino style e não dá que a gente se encontrar abelhar algumas horas: acho que sou o único a ter o timbre sofrido de aiaiaiaaahhaaaaii infinito...  
 Como vai Marieta? Um abraço forte pra ela, entre pra você, longa vida pra família e cantando firme nas esquinas do coração para o povo!

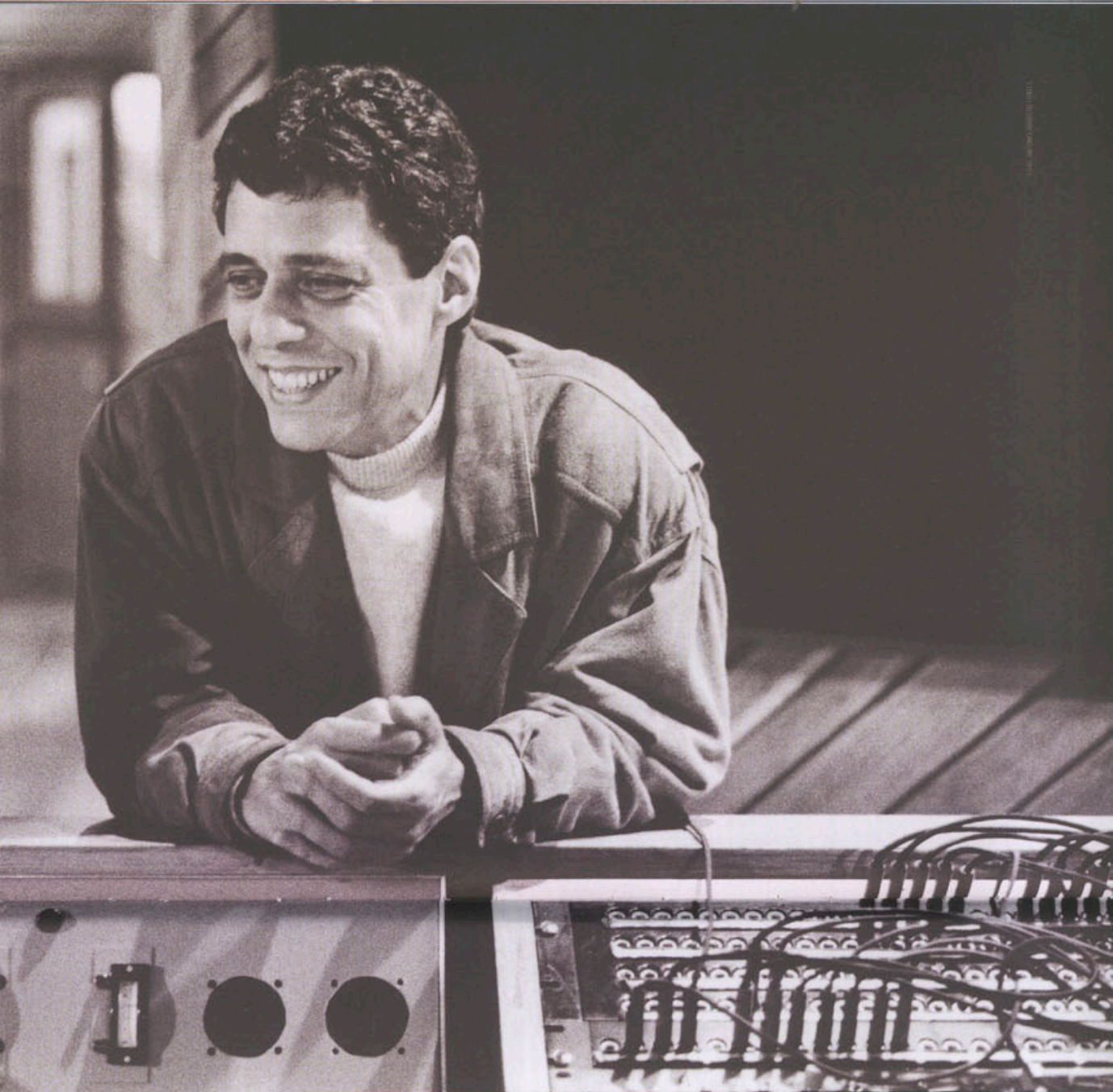
Um abraço repetido, louvado, exaltado

do / Paulley

ACIMA CARTA DE GLAUBER ROCHA PARA CHICO, 1972

À DIREITA MANUSCRITO DE "APESAR DE VOCÊ", 1970

Hoje você é meu mundo  
 Falou lá falado  
 E não tem desculpas  
 A mulher que te ajuda  
 Ollhandu pro choro  
 Você inseto culpado  
 Jantou o peixe  
 O bôdo e a curitiba  
 Você que  
 Vira inseto e se volve  
 É que você é inocente  
 O perdão  
 (Mas) Apesar de você  
 Qualquer lá de ser  
 Deu o dia  
 É eu peço pra ver  
 O perdão floreira  
 Como você vai que  
 Como vai importar  
 Ver o dia passar  
 Seu lhu pên biceps  
 Já se deti  
 ref fa fch  
 fa  
 do# do la#  
 do  
 Aqui uma brotando  
 E o vento teimando  
 pra se amar  
 Como era vou passar  
 Que não dá de ver  
 Antido por vo o pên



### **não tem coisa melhor que gostar de música**

Se alguém me perguntasse o que é a música, eu diria que ela é alegre e está sempre brincando com a gente ou com nossos sentimentos — o que também é muito sério. Mas, se ela nos fizer tristes, ela mesma nos consola e leva nossa imaginação pelos ares, e é muito bom voar assim, no colo da música. Bom também, muito bom mesmo, é cantar junto. Quem canta junto começa ou acaba sendo irmão no prazer da descoberta das harmonias.

Não tem coisa melhor que gostar de música.

Amontoados, ouvidos colados na modernosa Telefunken Hi Fi, que tia Cecília mandou de presente, a gente cada dia aprendia mais um pedacinho dos sucessos do hit parade americano, que nos chegavam em ondas curtas e um tanto oscilantes. Nosso inglês de ouvido,

também. Emulando *The Platters*, eu cantava *My Devotion* assim: ma... rimbanchin... Adorávamos os *Everly Brothers*, nossos dois mosqueteiros musicais que soavam como muitos mais. A gente aprendeu a “fazer vozes” com eles, cantando *Bye bye, love* e *Wake Up, Little Susie*.

Álvaro tinha um solo incontestável fazendo estalar a bochecha com o dedo no pop do lolipop. Depois a Piii aprendeu também e bem mais tarde ensinaram para a Bebel. Chico era um perfeito Paul Anka — a gente ainda não conhecia a cara do Paul Anka, só a voz, mas ninguém poderia ter mais cara daquela voz do que o Chico, com o olho faiscando na cara vermelha, a veia saltada no pescoço, a interpretação arrebatada.

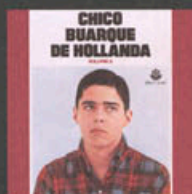
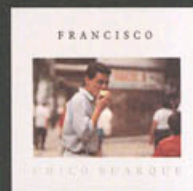
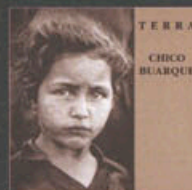
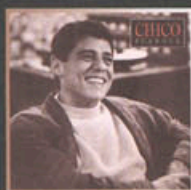
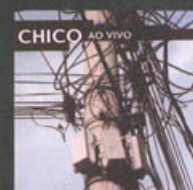
Dos três irmãos era o único que gostava de cantar. Sergito e Álvaro ficavam por ali, mas quem cantava mesmo era o Chico, a Piii, a Bata, a Cristina, eu e o meu violão. O caramanchão meio

afundado pelo peso das bougainvilleas era a nossa Broadway. Cantávamos para a rua, bem alto, desejando que cada carro parasse para nos ouvir, tão encantados pela música como a gente. Às vezes um carro parava mesmo, geralmente um casal de namorados trocando carinhos no escuro, e isso era a glória máxima.

Anos depois, em volta da mesma Telefunken, meu violão e meus dedos se desentendiam tentando, senão imitar, pelo menos tocar junto com João Gilberto em seu primeiro disco. A sensação de fracasso era insuportável — talvez outro dia, pensei, dando uma folga para o instrumento. Foi então que Chico pegou o violão, começou a tentar também e começou a rolar um som que tinha um balanço inexplicável e vi que ele era mais que meu irmão pequeno que gostava de música e que eu, orgulhosa, apresentava aos meus amigos. Eu vi, então, que a música também gostava dele.

— Miúcha



CHICO BUARQUE DE HOLLANDA  
1966CHICO BUARQUE DE HOLLANDA VOL. 2  
1967CHICO BUARQUE DE HOLLANDA VOL. 3  
1968CHICO BUARQUE DE HOLLANDA VOL. 4  
1970CONSTRUÇÃO  
1971CHICO CANTA  
1973SINAL FECHADO  
1974MEUS CAROS AMIGOS  
1976CHICO BUARQUE  
1978VIDA  
1980ALMANAQUE  
1981CHICO BUARQUE EN ESPAÑOL  
1982CHICO BUARQUE  
1984FRANCISCO  
1987CHICO BUARQUE  
1983PARATODOS  
1983UMA PALAVRA  
1985TERRA  
1987AS CIDADES  
1988CAETANO E CHICO JUNTOS E AO VIVO  
1972CHICO BUARQUE & MARIA BETHÂNIA  
1975CHICO BUARQUE AO VIVO -  
PARIS/LE ZENITH  
1990CHICO AO VIVO  
1999MORTE E VIDA SEVERINA  
TRILHA SONORA DA PEÇA  
1986QUANDO O CARNAVAL CHEGAR  
1972OS SALTIMBANCOS  
1977GOTA D'ÁGUA  
1977ÓPERA DO MALANDRO  
TRILHA SONORA DA PEÇA  
1979OS SALTIMBANCOS TRAPALHÕES  
1981O GRANDE CIRCO MÍSTICO  
1983PARA VIVER UM GRANDE AMOR  
1983ÓPERA DO MALANDRO  
TRILHA SONORA DO FILME  
1985MALANDRO  
1985O CORSÁRIO DO REI  
1985DANÇA DA MEIA-LUA  
1988EDU LOBO & CHICO BUARQUE  
ALBUM DE TEATRO  
1996CAMBAIO  
2001

MINISTÉRIO DA CULTURA  
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

© 2004 Fundação Biblioteca Nacional

Todos os esforços foram realizados para a obtenção das autorizações dos autores das citações ou fotografias reproduzidas neste livro. Entretanto não conseguimos obter algumas informações que nos levassem a encontrar todos os titulares. Nestes poucos casos, informamos que os direitos foram reservados para os mesmos.

REPÚBLICA  
FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente da República  
LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA

Ministro da Cultura  
GILBERTO GIL MOREIRA

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Presidente  
PEDRO CORRÊA DO LAGO

Diretor Executivo  
LUIZ EDUARDO CONDE

Gerente do Gabinete  
MARIA IZABEL AUGUSTA F. MOTA  
DE ALMEIDA

Coordenador-Geral do  
Centro de Pesquisa e Editoração  
JOÃO LUIZ BOCAUYVA

Coordenador-Geral do  
Centro de Livro e Leitura  
LUCIANO TRIGO

Diretora do Centro  
de Processos Técnicos  
CÉLIA RIBEIRO ZAHER

Diretora do Centro  
de Referência e Difusão  
ESTHER CALDAS BERTOLETTI

Coordenadora-Geral do Sistema  
Nacional de Bibliotecas Públicas  
MARIA REGINA SIMÕES SALLES

Coordenadora-Geral de Planejamento  
e Administração  
MARIA DA GLÓRIA LOPES PEREIRA

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO  
ADMINISTRAÇÃO REGIONAL  
NO ESTADO DE SÃO PAULO

Presidente do Conselho Regional  
ABRAM SZAJMAN

Diretor do Departamento Regional  
DANILO SANTOS DE MIRANDA

Superintendente Técnico-Social  
JOEL NAIMAYER PADULA

Superintendente  
de Comunicação Social  
IVAN GIANNINI

Gerente de Ação Cultural  
ROSANA PAULO DA CUNHA

Gerente Adjunto  
PAULO CASALE

Assistente da Gerência  
de Ação Cultural  
GILSON PACKER

Gerente de Artes Gráficas  
ERON SILVA

Gerente de Desenvolvimento  
de Produtos  
MARCOS LEPISCOPO

SESC São Paulo  
Av. Paulista 119  
CEP 01311-903  
T 11 3179 3400

Gerente do SESC Pinheiros  
ANTONIO CARLOS MORAES PRADO

Gerente Adjunto  
DENISE LACROIX ROSENKJAR

Equipes  
Programação  
Administração  
Manutenção  
Alimentação  
Serviços / Atendimento

SESC Pinheiros  
Rua Paes Leme 195  
CEP 05424-150  
T 11 3095 9400

## exposição

Curador  
ZECA BUARQUE FERREIRA

Coordenação de Produção  
ANA HELENA CURTI

Projeto Museográfico  
PEDRO MENDES DA ROCHA

Design  
VICTOR BURTON

Assistente de Curadoria  
ANTONIO BUARQUE

Pesquisa  
ANTONIO VENÂNCIO

Organização do Acervo  
de Chico Buarque  
ILSE RODRIGUES

Produção Geral  
ANGELA MAGDALENA

Coordenação Biblioteca Nacional  
SUELY DIAS

Assistente de Projeto Museográfico  
RICARDO SANT' ANNA  
CHICO GITAHY

Assistentes de Design  
ANA PAULA BRANDÃO  
FERNANDA GARCIA  
FERNANDA MELLO  
ANGELO ALLEVATO BOTTINO

Edição de Vídeo  
JÚLIO SOUTO

Projeto Multimídia  
FLÁVIO NUNES

Assistente de Projeto Multimídia  
TONI ROBERTO M. DE LIMA

Equipamentos Multimídia  
ZERO DB

Telecineagem  
CASABLANCA

Tratamento Digital  
JORGE BASTOS

Construção do Projeto Museográfico  
ARTHOS ENGENHARIA

Iluminação  
ARMAZEM DA LUZ

Execução de Programação Visual  
FAST SIGN

## catálogo

Edição e textos  
REGINA ZAPPA

Design  
VICTOR BURTON  
ANGELO ALLEVATO BOTTINO

Assistentes de Design  
ANA PAULA BRANDÃO  
FERNANDA GARCIA  
FERNANDA MELLO

Revisão  
ALCIDES MELLO

Premedia  
BENI

Produção Executiva  
ARTE3

## agradecimentos

ZERO DB - SINCROZIZAÇÃO  
E IMAGEM

TV BANDERANTES  
TV RECORD

TV CULTURA  
TV GLOBO

CINEMATECA BRASILEIRA  
REGINA FILMES

CONSPIRAÇÃO FILMES  
VIDEOLIBELLES

INSTITUTO MOREIRA SALES  
INSTITUTO ANTONIO CARLOS JOBIM

VM CULTURAL  
FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

TEMPO GLAUBER  
CINEMATECA DO MUSEU  
DE ARTE MODERNA

DO RIO DE JANEIRO  
MAROLA EDIÇÕES  
(MÁRCIA E MARILDA)

COMPANHIA DAS LETRAS  
(RENATA MEGALE E PAULA MIRAGLIA)

SIARQ - ARQUIVO CENTRAL  
E BIBLIOTECA CENTRAL  
DA UNICAMP

COLÉGIO CARAGUASSES  
COLÉGIO SANTA CRUZ

CHICO BUARQUE  
FAMÍLIA BUARQUE DE HOLANDA

MARILEIA SEVERO  
VINÍCIUS FRANÇA

GUTA E BETO DE SOUZA DANTAS  
ROBERTO DE SOUZA DANTAS JR.  
(IN MEMORIAM)

WAGNER HOMEM (CACHORRÃO)

FLÁVIO MOREIRA DA COSTA  
CÉLIA TORRES

BIBI FERREIRA  
NEYDE GALLASSI

ELIANE CANETTI  
MÁRCIA CLÁUDIA (FUNARTE)

ELZA LOBO  
SILEY SIQUEIRA

FERNANDO PEREIRO  
FBI

CAFI  
CARLOS HORCADES

PEDRO MORAES  
AMELIA ANTUNHA

JOSÉ BUICK  
FERNANDO FARO

IRENE OGEIA DE ARAÚJO  
HUMBERTO WERNICK

JOÃO MANUEL FERNANDES (MANÉ)  
GILBERTO SARTORI

HERNAN HEFFNER  
MÁRCIA ALICE FORTES

WILDIRMAR SACCHETTA  
RITA MARQUES

JOSÉ MARIA  
RITA DE FREITAS

LAMARA LEITE FANNIA  
ANA CAROLINA R. DE BARROS  
DA SILVA

ESTHER SOUZA AREIAS  
TÂNIA MARIA G. DE MOTA

PATRICIA CUNHA  
ALEXANDRE INDEU DMS DA SILVA

ALEXANDRE BAUMGARTNER  
WALDIR DE ALMEIDA SIQUEIRA

MÁRIO GIL

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chico Buarque : O tempo e o artista / curadoria Zeca Buarque Ferreira ;  
edição e textos Regina Zappa — 2. ed. — Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional,  
2005.

80 p. : il. (algumas col.) ; 21 x 26 cm.

Catálogo da exposição realizada no SESC Pinheiros, de 13 de janeiro a 13  
de março de 2005.

ISBN 85-333-0319-X (broch.)

I. Buarque, Chico, 1944 — Exposições. I. Ferreira, Zeca Buarque.  
II. Zappa, Regina. III. Biblioteca Nacional (Brasil)

Ministério  
da Cultura



MINISTÉRIO DA CULTURA  
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

**SESC SP**

